

Lendas Africanas dos
ORIXAS



Pierre Fatumbi Verger
Corrupio

Carybé

Lendas Africanas dos
ORIXÁS

Corruptio

Lendas Africanas dos **ORIXAS**



Pierre Fatumbi Verger Carybé

Tradução de Maria Aparecida da Nóbrega

Lendas Africanas dos Orixá, 4ª edição (1997) / Segunda tiragem (Abril 1998).
©*Fundação Pierre Verger/ Carybe e Corrupio Edições e Promoções Culturais Ltda.*

Reprodução proibida

Coordenação editorial: *Arlete Soares*
Planejamento gráfico: *Enéas Guerra Sampaio*
Produção Editorial: *Rina Angulo Rojas*
Tradução e Produção gráfica: *Cida Nóbrega*
Revisão: *Vanya King*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Gerência Técnica da Divisão de Bibliotecas Públicas, Bahia, Brasil)

V613 Verger, Pierre Fatumbi, 1902 - 1996
Lendas africanas dos Orixás / Pierre Fatumbi Ver -
ger; [ilustrações] Carybé; tradução Maria Aparecida da
Nóbrega. - 4ª ed. - Salvador: Corrupio, 1997.
96 p. : il.

1. Lendas - África Ocidental. 2. Orixás - Lendas.
I. Carybé, 1911 - II. Título

CDD 299.63

Pierre Verger, a quem se deve a cuidadosa coleta das lendas aqui apresentadas, viveu durante dezessete anos, em sucessivas viagens, desde 1948, pelas bandas ocidentais da África, em terras iorubas. Tomou-se Babalaô em Kêto, por volta de 1950, e foi por essa época que recebeu do seu mestre *Oluwo* o nome de Fatumbi: "Aquele que nasceu de novo pela graça de Ifá".

A Editora Corrupio, dando continuidade à publicação da obra de Verger, sente-se mais uma vez gratificada ao editar este conjunto de lendas, todas elas recolhidas e pacientemente anotadas por Fatumbi, a partir das narrativas dos adivinhos babalaôs. Vale lembrar, entretanto, que as lendas aqui apresentadas não constituem senão uma pequena parcela do imenso universo de histórias que um adivinho é obrigado a memorizar no decorrer do seu aprendizado. Histórias que constituem, todas elas, testemunhos diretos e espontâneos da cultura ioruba, cuja influência na nossa cultura faz-se sentir de maneira tão acentuada.

O desenho de Carybé, vigoroso e expressivo, aliado à sua intimidade com a coisas do candomblé e da Bahia, traduz com carinho, sensibilidade e cuidadosa informação etnográfica, o espírito da magia dos orixás.

Algumas das lendas aqui reunidas já são conhecidas nos candomblés da Bahia, pelo "jogo dos dezesseis búzios". É o caso, por exemplo, da história de Oxum, onde ela aparece exigindo a oferenda de Nkan. Outras, entretanto, são desconhecidas e entre elas podemos incluir as lendas de Oxóssi e de Oxaguiã, em que se propõe, inclusive, a etimologia dos nomes desses orixás. A história de Ogum explica ao leitor as razões pelas quais o deus do ferro é conhecido pelos nomes de Ogum Mejê, Ogum Alakorê e Ogum Onirê.

As origens históricas prováveis de Xangô, de Iemanjá e de Obaluaê são indicadas nas três lendas referentes a esses orixás.

Orunmilá, que preside a adivinhação, não é propriamente um orixá, mas o autor o inclui no conjunto das lendas porque ele aparece ao lado dos orixás e participa de suas aventuras. Uma destas lendas mostra sua rivalidade com Ossain, o senhor das virtudes das folhas e plantas medicinais e litúrgicas, refletindo a disputa pela primazia entre adivinhos e curandeiros. A supremacia atribuída aos adivinhos não surpreenderá o leitor se este se aperceber de que, tendo eles a missão de memorizar e transmitir as lendas conhecidas dos iorubas, podem, assim, glorificar facilmente seu papel na sociedade.

A "Briga entre Oxalá e Exu" é narrada com bom humor, num estilo que lembra o de Amos Turtola em livros repletos de fantasia, como "O bêbado da selva", onde as aventuras são inspiradas nas mesmas fontes tradicionais que as lendas publicadas a seguir.

A publicação dessas histórias tradicionais apresenta, ainda, o mérito de esclarecer certos equívocos difundidos há mais de um século, por autores comprometidos com suas próprias ideologias e seus preconceitos, e que jamais foram questionados desde então.

Uma palavra final sobre a excelente tradução do original francês, em frases feitas por Maria Aparecida da Nóbrega.

Arlete Soares

*Ao Babalorixá Balbino Daniel de Paula
do Terreiro Axé Opo Agunju,
Obaraim, na Bahia,
Gbobagunle Alade, na África,
com a amizade de Otun Mangba,
Oju Obá Fatumbi Pierre Verger.*

Bahia, novembro de 1985.

Um babalaô me contou:

"Antigamente, os orixás eram homens.

Homens que se tomaram orixás por causa de seus poderes.

Homens que se tomaram orixás por causa de sua sabedoria.

Eles eram respeitados por causa da sua força,

Eles eram venerados por causa de suas virtudes.

Nós adoramos sua memória e os altos feitos que realizaram.

Foi assim que estes homens tomaram-se orixás.

Os homens eram numerosos sobre a Terra.

Antigamente, como hoje,

Muitos deles não eram valentes nem sábios.

A memória destes não se perpetuou.

Eles foram completamente esquecidos;

Não se tomaram orixás.

Em cada vila, um culto se estabeleceu

Sobre a lembrança de um ancestral de prestígio

E lendas foram transmitidas de geração em geração,

para render-lhes homenagem".

EXU

Laroyê!

Exu é o mais sutil e o mais astuto de todos os orixás.
Ele aproveita-se de suas qualidades para provocar mal-entendidos e discussões entre as pessoas ou para preparar-lhes armadilhas.
Ele pode fazer coisas extraordinárias como, por exemplo, carregar, numa peneira, o óleo que comprou no mercado, sem que este óleo se derrame desse estranho recipiente!
Exu pode ter matado um pássaro ontem, com uma pedra que jogou hoje!
Se zanga-se, ele sapateia uma pedra na floresta, e esta pedra põe-se a sangrar!
Sua cabeça é pontuda e afiada como a lâmina de uma faca.
Ele nada pode transportar sobre ela.
Exu pode também ser muito malvado, se as pessoas se esquecem de homenageá-lo.
É necessário, pois, fazer sempre oferendas a Exu, antes de qualquer outro orixá.
A segunda-feira é o dia da semana que lhe é consagrado.
É bom fazer-lhe oferendas neste dia, de farofa, azeite de dendê, cachaça e um galo preto.
Certa vez, dois amigos de infância, que jamais discutiam, esqueceram-se, numa segunda-feira, de fazer-lhe as oferendas devidas. Foram para o campo trabalhar, cada um na sua roça.
As terras eram vizinhas, separadas apenas por um estreito canteiro.
Exu, zangado pela negligência dos dois amigos, decidiu preparar-lhes um golpe à sua maneira.
Ele colocou sobre a cabeça um boné pontudo que era branco do lado direito e vermelho do lado esquerdo.
Depois, seguiu o canteiro, chegando à altura dos dois trabalhadores amigos e, muito educadamente, cumprimentou -os:
"Bom trabalho, meus amigos!"
Estes, gentilmente, responderam-lhe:
"Bom passeio, nobre estrangeiro!"
Assim que Exu afastou-se, o homem que trabalhava no campo à direita, falou para o seu companheiro:
"Quem pode ser este personagem de boné branco?"
"Seu chapéu era vermelho", respondeu o homem do campo à esquerda.
"Não, ele era branco, de um branco de alabastro, o mais belo branco que existe! "
"Ele era vermelho, um vermelho escarlata, de fulgor insustentável!"
"Ele era branco, trata-me de mentiroso?"
"Ele era vermelho, ou pensas que sou cego?"



Cada um dos amigos tinha razão e estava furioso da desconfiança do outro.
Irritados, eles agarraram-se e começaram a bater-se
até matarem-se a golpes de enxada.
Exu estava vingado!
Isto não teria acontecido se as oferendas a Exu não
tivessem sido negligenciadas.
Pois Exu pode ser o mais benevolente dos orixás
se é tratado com consideração e generosidade.
Há uma maneira hábil de obter um favor de Exu.
É preparar-lhe um golpe mais astuto que-aqueles que ele mesmo prepara.

Conta-se que Aluman estava desesperado com uma grande seca. Seus
campos estavam áridos, a chuva não caía.
As rãs choravam de tanta sede e os rios
estavam cobertos de folhas mortas, caídas das árvores. Nenhum
orixá invocado escutou suas queixas e gemidos.
Aluman decidiu, então, oferecer a Exu grandes pedaços de carne de bode. Exu
comeu com apetite desta excelente oferenda.
Só que Aluman havia temperado a carne com um molho muito apimentado. Exu
teve sede.
Uma sede tão grande que toda a água de todas as jarras que ele tinha em casa,
e que tinham, em suas casas, os vizinhos,
não foi suficiente para matar sua sede!
Exu foi à torneira da chuva e abriu-a sem pena.
A chuva caiu.
Ela caiu de dia, ela caiu de noite.
Ela caiu no dia seguinte e no dia de depois, sem parar. Os
campos de Aluman tomaram-se verdes.
Todos os vizinhos de Aluman cantaram sua glória:

*"Joro, jara, joro Aluman,
Dono dos dendezeiros, cujos cachos são abundantes! Joro,
jara, joro Aluman,
Dono dos campos de milho, cujas espigas são pesadas! Joro,
jara, joro Aluman,
Dono dos campos de feijão, inhame e mandioca! Joro,
jara, joro Aluman! "*

E as rãzinhas gargarejavam e coaxavam,
e o rio corria velozmente para não transbordar! Aluman,
reconhecido, ofereceu a Exu carne de bode com o tempero
no ponto certo da pimenta.
Havia chovido bastante. Mais, seria desastroso!
Pois, em todas as coisa, o demais é inimigo do bom.

OGUM

Ogum Yêêê!

Ogum era o mais velho e o mais combativo dos filhos de Odudua, o conquistador e rei de Ifé.

Por isto, tomou-se o regente do reino quando Odudua, momentaneamente, perdeu a visão.

Ogum era guerreiro sanguinário e temível.

"Ogum, o valente guerreiro,
o homem louco dos músculos de aço!
Ogum, que tendo água em casa,
lava-se com sangue!"

Ogum lutava sem cessar contra os reinos vizinhos.

Ele trazia sempre um rico espólio de suas expedições, além de numerosos escravos.

Todos estes bens conquistados, ele entregava a Odudua, seu pai, rei de Ifé.

"Ogum o violento guerreiro,
o homem louco, dos músculos de aço.
Ogum, que tendo água em casa,
lava-se com sangue!"

Ogum teve muitas aventuras galantes.

Ele conheceu uma senhora, chamada *Elefunlosunlori*"

aquela-que-pinta-a-cabeça-com-pó-branco-e-vemelho.',

Era a mulher de Orixá Okô, o deus da Agricultura.

De outra feita, indo para a guerra, Ogum encontrou, à margem de um riacho, uma outra mulher, chamada Ojá, e com ela teve o filho Oxóssi.

Teve, também, três outras mulheres que tomaram-se, depois, mulheres de Xangô,

Kawo Kabieyesi Alafin Oyó Alayeluwa!

Saudemos o Rei Xangô, o dono do palácio de Oyó, Senhor do Mundo!"

A primeira, Iansã, era bela e fascinante;

a segunda, Oxum, era coquete e vaidosa;

a terceira, Obá, era vigorosa e invencível na luta.



433

Ogum continuou suas guerras. Durante uma delas, ele tomou Irê.
Antigamente, esta cidade era formada por sete aldeias.
Por isto chamam-no, ainda hoje, *Ogum mejejê lodê Irê* "Ogum das sete partes de Irê"
Ogum matou o rei Onirê e o substituiu pelo próprio filho, conservando para si o título de Rei.
Ele é saudado como *Ogum Onirê!* "Ogum Rei de Irê!"
Entretanto, ele foi autorizado a usar apenas uma pequena coroa, "akorô".
Daí ser chamado, também, de *Ogum Alakorô* - "Ogum dono da pequena coroa".

Após instalar seu filho no trono de Irê,
Ogum voltou a guerrear por muitos anos.
Quando voltou a Irê, após longa ausência, ele não reconheceu o lugar.
Por infelicidade, no dia de sua chegada, celebrava-se uma cerimônia, na qual todo mundo devia guardar silêncio completo.
Ogum tinha fome e sede.
Ele viu as jarras de vinho de palma, mas não sabia que elas estavam vazias.
O silêncio geral pareceu-lhe sinal de desprezo.
Ogum, cuja paciência é curta, encolerizou-se.
Quebrou as jarras com golpes de espada e cortou a cabeça das pessoas.

A cerimônia tendo acabado, apareceu, finalmente, o filho de Ogum e ofereceu-lhe seus pratos prediletos: caracóis e feijão, regados com dendê; tudo acompanhado de muito vinho de palma.

"Ogum, violento guerreiro,
o homem louco dos músculos de aço.
Ogum, que tendo água em casa,
lava-se com sangue!"

"Os prazeres de Ogum são o combate e as brigas.
O terrível orixá, que morde a si mesmo sem dó!
Ogum mata o marido no fogo e a mulher no fogareiro.
Ogum mata o ladrão e o proprietário da coisa roubada!"

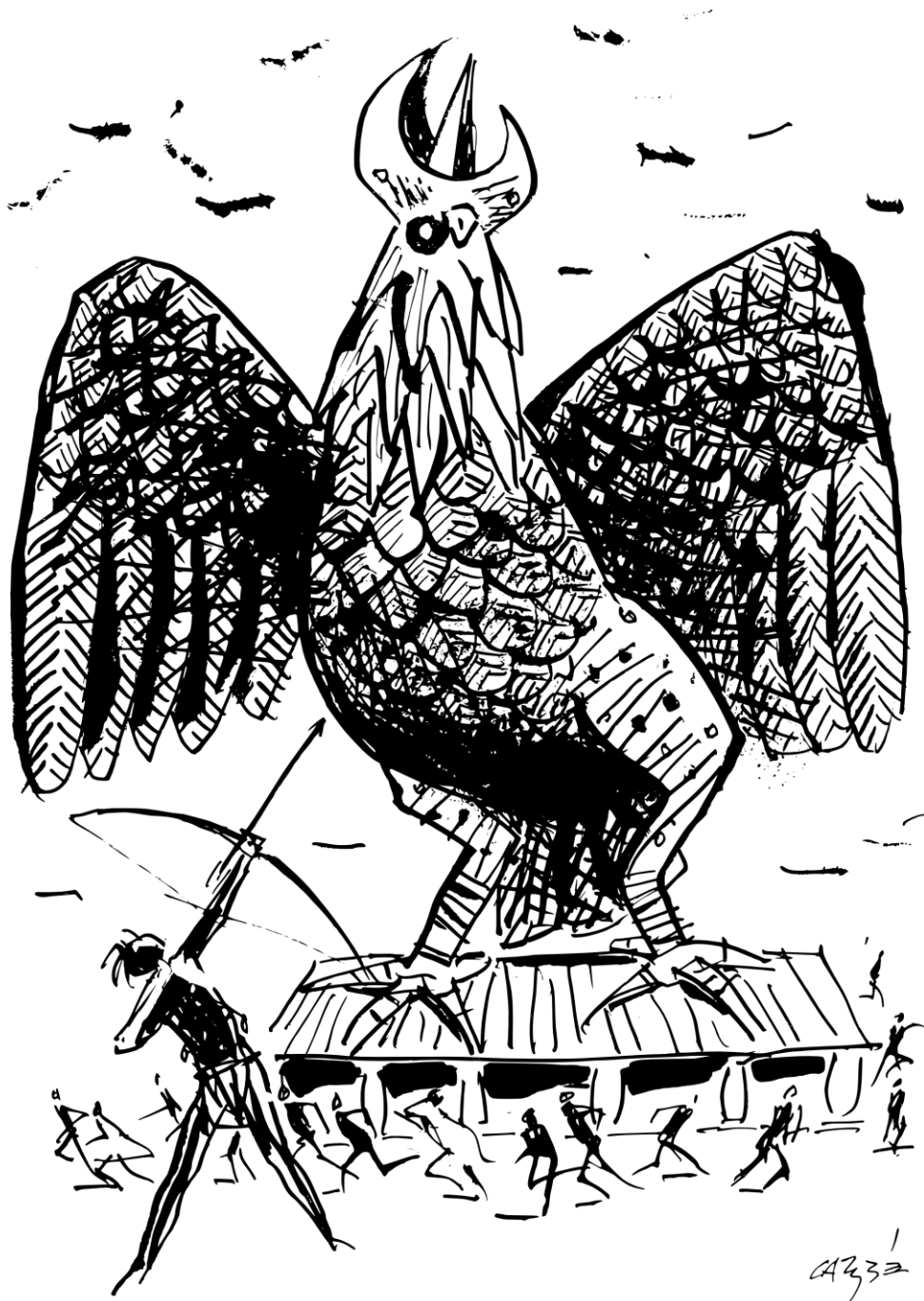
Ogum, arrependido e calmo, lamentou seus atos de violência, e disse que já vivera bastante, que viera agora o tempo de repousar.
Ele baixou, então, sua espada e desapareceu sob a terra.
Ogum tomara-se um orixá

.

OXÓSSI

Okê!

Olofin era um rei africano da terra de Ifé, lugar de origem de todos os iorubas. Cada ano, na época da colheita, Olofin comemorava, em seu reino, a Festa dos Inhames. Ninguém no país podia comer dos novos inhames antes da festa. Chegado o dia, o rei instalava-se no pátio do seu palácio. Suas mulheres sentavam-se à sua direita, seus ministros sentavam-se à sua esquerda, seus escravos sentavam-se atrás dele, agitando leques e espanta-moscas, e os tambores soavam para saudá-lo. As pessoas reunidas comiam inhame pilado e bebiam vinho de palma. Elas comemoravam e brincavam. De repente, um enorme pássaro voou sobre a festa. O pássaro voava à direita e voava à esquerda ... Até que veio pousar sobre o teto do palácio. A estranha ave fora enviada pelas feiticeiras, furiosas porque não foram também convidadas para a festa. O pássaro causava espanto a todos! Era tão grande que o rei pensou ser uma nuvem cobrindo a cidade. Sua asa direita cobria o lado esquerdo do palácio, sua asa esquerda cobria o lado direito do palácio, as penas do seu rabo varriam o quintal e sua cabeça, o portal da entrada. As pessoas assustadas comentavam: "Ah! Que esquisita surpresa?" "Eh! De onde veio este desmancha-prazer?" "Ih! O que veio fazer aqui?" "Oh! Bicho feio de dar dó!" "Uh! Sinistro que nem urubu!" "Como nos livraremos dele?" "Vamos, rápido, chamar os caçadores mais hábeis do reino." De Idô, trouxeram *Oxotogun*, o "Caçador das vinte flechas". O rei lhe ordenou matar o pássaro com suas vinte flechas. Oxotogun afirmou: "Que me cortem a cabeça se eu não o matar!" E lançou suas vinte flechas, mas nenhuma atingiu o enorme pássaro. O rei mandou prendê-lo. De Morê, chegou *Oxotogí*, o "Caçador das quarenta flechas". O rei lhe ordenou matar o pássaro com suas quarenta flechas. Oxotogí afirmou: "Que me condenem à morte, se eu não o matar!" E lançou suas quarenta flechas, mas nenhuma atingiu o pássaro.



4232¹

O rei mandou prendê-lo.
De Ilarê, apresentou-se *Oxotadotá*, o "Caçador das cinquenta flechas".
Oxotodotá afirmou:
"Que exterminem toda a minha família, se eu não o matar".
Lançou suas cinquenta flechas e nenhuma atingiu o pássaro.
O rei mandou prendê-lo.
De Iremã, chegou, finalmente, *Oxotokanxoxô*, o "Caçador de uma flecha só".
O rei lhe ordenou matar o pássaro com sua única flecha.
Oxotokanxoxô afirmou:
"Que me cortem em pedaços se eu não o matar!"

Ouvindo isto, a mãe de *Oxotokanxoxô*, que não tinha outros filhos,
foi rápido consultar um babalaô, o adivinho,
e saber o que fazer para ajudar seu único filho.
"Ah! - disse-lhe o babalaô.
"Seu filho está a um passo da morte ou da riqueza.
Faça uma oferenda e a morte tomar-se-á riqueza."
E ensinou-lhe como fazer uma oferenda que agradasse às feiticeiras.
A mãe sacrificou, então, uma galinha, abrindo-lhe o peito,
e foi, rápido, colocar na estrada, gritando três vezes:
"Que o peito do pássaro aceite este presente!"
Foi no momento exato que *Oxotokanxoxô* atirava sua única flecha.
O feitiço pronunciado pela mãe do caçador chegou ao grande pássaro.
Ele quis receber a oferenda e relaxou o encanto que o protegera até então.
A flecha de *Oxotokanxoxô* o atingiu em pleno peito.
O pássaro caiu pesadamente, se debateu e morreu.
A notícia espalhou-se:
"Foi *Oxotokanxoxô*, o "Caçador de uma flecha só", que matou o pássaro!
O Rei lhe fez uma promessa, se ele o conseguisse!
Ele ganhará a metade da sua fortuna!
Todas as riquezas do reino serão divididas ao meio,
e uma metade será dada a *Oxotokanxoxô*!"
Os três caçadores foram soltos da prisão e, como recompensa,
Oxotogun, o "Caçador das vinte flechas",
ofereceu a *Oxotokanxoxô* vinte sacos de búzios;
Oxotogí, o "Caçador das quarenta flechas", ofereceu-lhe quarenta sacos;
Oxotadotá, o "Caçador das cinquenta flechas", ofereceu-lhe cinquenta.
E todos cantaram para *Oxotokanxoxô*.
O babalaô, também, juntou-se a eles, cantando e batendo em seu agogô:

"*Oxowusi! Oxowusi!! Oxowusi!!!*
"O caçador Oxo é popular!"

E assim é que *Oxotokanxoxô* foi chamado *Oxowusi*.
Oxowusi! Oxowusi!! Oxowusi!!!

Como ERINLÊ transformou-se num rio

Orunmilá consultou Ifá, antes de deixar Ifé,
para ir-se a um país de vales.
Os adivinhos lhe disseram:
"Neste país de vales, onde pretendes ir,
encontrarás um bom amigo.
Deves fazer oferendas antes de partir,
para que tua viagem seja feliz."
Orunmilá fez as oferendas.
Ele ofereceu quatro pombos e oito mil búzios da costa.
Quando ele chegou lá,
quando Orunmilá chegou naquele país de vales,
ele tomou-se amigo de Erinlê.

Erinlê é um caçador.
Erinlê é também um guerreiro.
Erinlê é, além de tudo, um orixá.
Esta amizade foi grande.
Erinlê tomou dinheiro emprestado a Orunmilá.
O montante deste empréstimo foi de doze mil búzios.

Quando chegou a hora
de Orunmilá retomar à casa de Ifé,
Erinlê teria de reembolsar o empréstimo.
Mas ele não tinha dinheiro.
Ele sentiu vergonha e foi consultar Ifá:
"Onde poderei encontrar este dinheiro?"
Os adivinhos lhe aconselharam a oferecer
um carneiro, um galo e um cachorro.
Disseram-lhe, ainda,
que deveria oferecer vinte e um sacos de búzios da costa.
Erinlê exclamou:



CAZ3E

"Ahl Já devo doze mil búzios!
Onde poderei encontrar todas estas coisas?"
Erinlê tinha um talismã na mãos.
A qualquer momento ele poderia,
graças a este talismã, transformar-se em água.
Quando ele assim o desejasse.

Erinlê foi, então, ao lugar onde costumava caçar.
Pôs o talismã no chão e entrou terra adentro.
Neste lugar havia uma jarra com água.

Seus filhos o procuraram durante muito tempo.
Eles foram consultar Orunmilá para que ele examinasse o caso.
Orunmilá lhes disse:
"Façam oferendas para encontrar vosso pai.
Talvez não o vereis mais,
mas encontrarão um sinal dele."
Disse-Ihes, ainda,
que oferecessem sete cachorros, sete carneiros, sete galos e
vinte e um sacos de búzios da cota.

Os filhos de Erinlê fizeram as oferendas.
Orunmilá lhes dissera, também, que deveriam ir
com os carneiros, os cães e os galos, chamar pelo pai.
E eles foram.
Percorreram todos os lugares onde Erinlê costumava ir.
Quando chegaram ao local onde Erinlê entrara terra adentro,
encontraram seus instrumentos de caça:
fuzil, lança, arco e flechas.
Todo o material que ele usava para caçar.

E, bem no meio disso tudo,
eles viram a jarra com água.
Esta água começou a escorrer.
Esta água era abundante.
Os filhos saudaram o pai assim:
"Oh! Erinlê, o caçador, retorne à casa!
Nós oferecemos carneiro, cachorro e galos!"
E chamaram Erinlê, sem descanso.
Quando eles ofereceram estas coisas,
o rio os seguiu no caminho de casa.
Erinlê lhes disse para deixar os galos livres,
no lugar onde os encontraram.
Os galos que naquele dia eles deixaram livres,
são os galos que Erinlê cria perto de seu rio, até hoje.
Ninguém ousa matá-los.
Certa vez, pessoas ignorantes mataram alguns.
Mas os galos ressuscitavam sempre.
Dede que o prato estivesse pronto,
os galos saltavam da tigela,
batiam novamente suas asas - Puf! Puf! Puf!
E iam empoleirar-se numa árvore *Akô*,
cantando de novo seu cocoricô!

No mesmo momento em que Erinlê, o rio, se pôs a correr,
Oxum preparava-se para partir da cidade de Ijumu.
Ela também se pôs a correr.
E eles se encontraram perto de Edé.
Ali onde se encontraram,
o leito destes rios é suave - eles estão felizes.
Suas águas formaram um grande rio
e o curso de ambos tomou-se um mesmo.
Juntos, eles correm para a lagoa.

OSSAIN, o senhor das folhas

Ossain recebera de Olodumaré o segredo das folhas.
Ele sabia que algumas delas traziam a calma ou o vigor.
Outras, a sorte, as glórias, as honras, ou, ainda,
a miséria, as doenças e os acidentes.
Os outros orixás não tinham poder sobre nenhuma planta.
Eles dependiam de Ossain para manter a saúde
ou para o sucesso de suas iniciativas.

Xangô, cujo temperamento é impaciente, guerreiro e imperioso,
irritado com esta desvantagem,
usou de um artil para tentar usurpar, de Ossain,
a propriedade das folhas.
Falou do plano à sua esposa Iansã, a senhora dos ventos.
Explicou-lhe que, em certos dias,
Ossain pendurava, num galho de *Iroko*,
uma cabaça contendo suas folhas mais poderosas.
"Desencadeie uma tempestade bem forte num desses dias", disse-lhe Xangô.

Iansã aceitou a missão com muito gosto.
O vento soprou a grandes rajadas,
levando o telhado das casas,
arrancando as árvores,
quebrando tudo por onde passava e,
o fim desejado, soltando a cabaça do galho onde estava pendurada.
A cabaça rolou para longe e todas as folhas voaram.
Os orixás se apoderaram de todas.
Cada um tomou-se dono de algumas delas,
mas Ossain permaneceu senhor do segredo de suas virtudes
e das palavras que devem ser pronunciadas para provocar sua ação.
E, assim, continuou a reinar sobre as plantas,
como senhor absoluto.
Graças ao poder (axé) que possui sobre elas.



Um caçador torna-se ORIXÁ OKÔ

Olagbirin, aquele que jamais recusa um combate, está na miséria.
Ele vai consultar Ifá.

"Que fazer para ter dias melhores?"

Os adivinhos o aconselham a fazer oferendas.

Oferendas de dezesseis galinhas d'angola,
dezesseis coelhos e trinta e dois búzios da costa.

Olagbirin é um caçador.

Não é difícil para ele encontrar no campo as galinhas d'angola e os coelhos.

Com trabalho e muito esforço,

ele consegue juntar o dinheiro necessário e faz a oferenda.

Olagbirin volta a caçar e mata um elefante.

Ao abrir o animal, seus intestinos são como troncos de madeira
dos quais ele retira jóias diversas,

como pérolas maravilhosas e muitas coroas.

Olagbirin continua caçando.

Ele mata outros elefantes e, no interior deles,
encontra, sempre, riquezas no lugar dos intestinos,
como belos tecidos e lindas pérolas.

Olagbirin sacrifica as galinhas d'angola.

Quando estas galinhas gritam, elas dizem:

"Isto vai te ajudar, kan, kan, kan.

Isto vai te ajudar, kan, kan, kan."

As oferendas^(*) feitas assim por ele cantam:

"Se ele me ajudar, eu logo terei dinheiro

Ele me ajudará como a galinha d'angola

Kan, kan, kan.

Se ele me ajudar, eu logo terei mulheres.

Ele me ajudará como a galinha d'angola.

Kan, kan, kan.

Se ele me ajudar, eu logo terei filhos.

Ele me ajudará como a galinha d'angola.

Kan, kan, kan".

Este homem, chamado Olagbirin,

é aquele que nós chamamos Orixá Okô - o "orixá dos campos".

Aquele que, quando tomou-se rico,

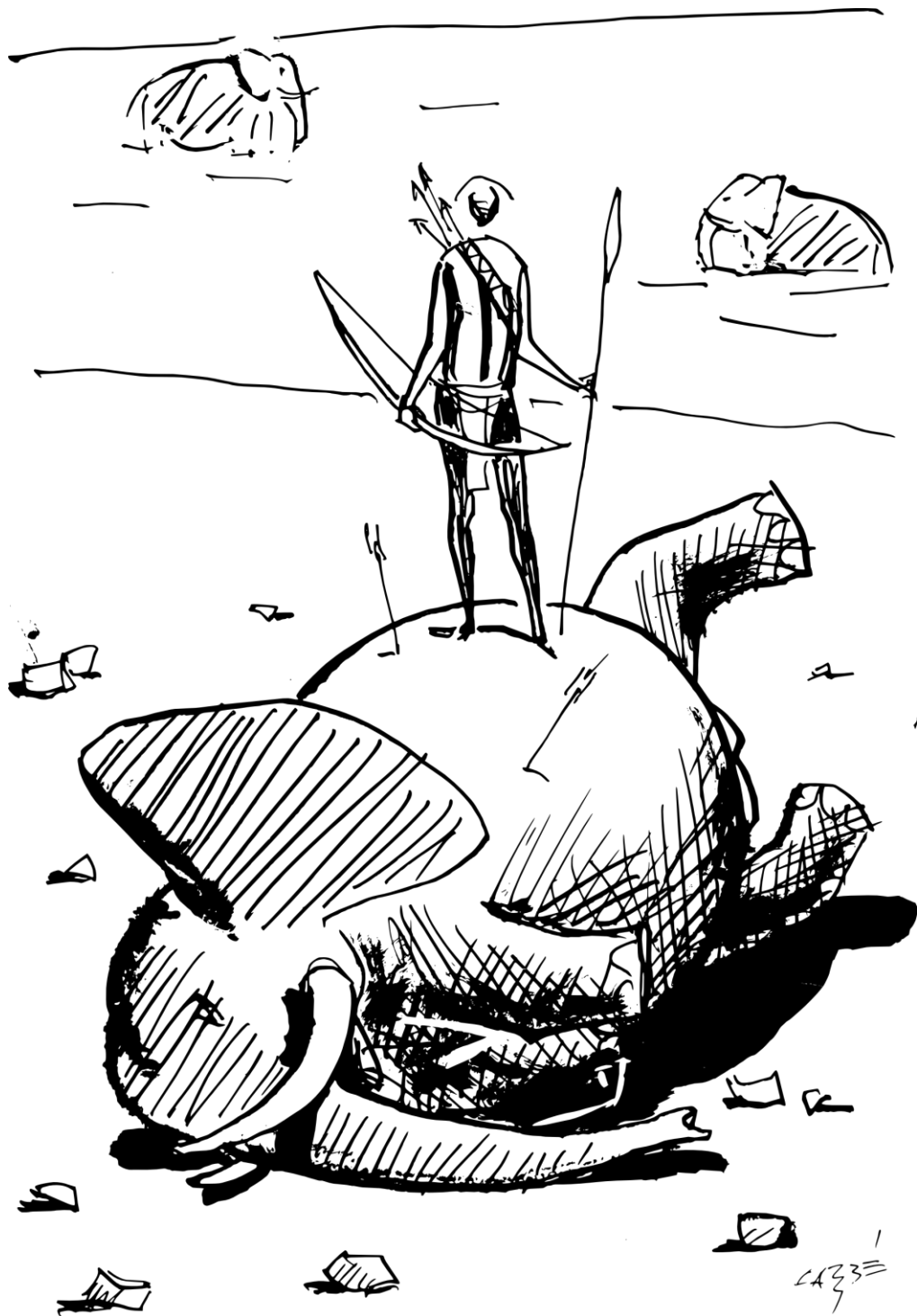
transportava sua fortuna do campo para casa.

E as pessoas diziam:

"É o orixá que traz a riqueza dos campos,

aquele chamado Orixás dos Campos (*Orisha Oko*)".

(*) A oferenda é, neste caso,
uma espécie de linguagem
que expressa os votos feitos
pela pessoa interessada.



Nascimento de ORANIAN

Quando Ogum fez a guerra contra Ogotum, ele trouxe sete mulheres.

Uma destas escravas, Lakangê,
era tão bonita que ele a escondeu para si,
amando-a secretamente.

Mas, alguns falsos amigos apressaram-se em denunciá-lo ao seu pai.

Odudua, furioso, mandou chamar Ogum e falou-lhe, gritando:

"Que atrevimento!

Você traz-me seis mulheres, verdadeiras feiúras e,
segundo disseram-me, você deixou para si a mais bela,
que parece ser uma jóia delicada.

Ah! Os jovens não têm mais respeito nem consideração por seus pais!

Onde vamos chegar com tanta insolência e desrespeito?

Ogum, traga-me esta mulher sem mais um minuto de demora!"

Ogum, assustado com a cólera de seu pai,
não ousou confessar o que se passava entre ele e Lakangê.

Com a morte na alma, ele entregou sua bela mulher a Odudua.

Este, encantado, fez dela sua companheira predileta.

Nove meses mais tarde, Lakangê teve um filho.

Para grande surpresa de todos, o corpo do recém-nascido
tinha a originalidade de ser metade preto, metade branco.

Metade preto, à direita, pois a pele de Ogum era muito escura.

Metade branco, à esquerda, pois a pele de Odudua era muito clara.

Odudua, confuso, baixou a cabeça e nada soube dizer.

Mais tarde, esta criança tomou-se um guerreiro famoso.

Homem valente à direita
homem valente à esquerda.
Homem valente em casa,
homem valente na guerra.

Ele foi o fundador do reino de Oyó e o pai de Xangô.



DADA BAAYANI' AJAKÁ ***é o irmão mais velho de Xangô***

Quando Baayani e Xangô forarriados, ainda no além,
Baayani nasceu irmão mais velho.
Xangô nasceu em seguida.
Ele é o irmão mais novo.
Baayani é um ser calmo e pacífico.
Se alguém o incomoda, ele não se zanga.
Se as pessoas entregam-se a atos de violência,
Baayani não se envolve.
Ele tem compreensão e sabedoria, mas
não tem força, nem bravura.
Estas qualidades, Olodumaré deu a seu irmão mais novo, Xangô.
Baayani sabe disto e diz de vez em quando, que
se ele não é capaz de brigar,
ele agradece a Olodumaré tê-lo dado um irmão valente.
As pessoas fizeram um provérbio:
"Se Baayani não é capaz de brigar,
ele tem um valente irmão caçula".



Aqueles que Xangô combate são incontáveis.
Por causa de Dada Baayani, Xangô dizia constantemente:
"Se alguém resmungar qualquer coisa sobre Dada Baayani,
isso lhes causará desgostos.
Pois se trata de meu irmão mais velho".
É por esta razão que as pessoas que adoram Xangô,
devem adorar primeiro Dada Baayani.
Quando os dois descem à Terra,
Xangô conhece os talismãs para a proteção e a vitória.
Tudo o que as pessoas perguntam a Baayani,
é Xangô que responde.
Quando Dada Baayani fundou a cidade de Ixelê,
ele era muito rico.
Muita gente lhe pedia dinheiro emprestado.
Quando tomou-se rei em Oyó,
ele trouxe uma parte da sua riqueza e,
vez por outra, trazia mais e mais de Ixelê.
Baayani era chamado Dada por causa de seus cabelos anelados.
Quando Xangô quer possuir um de seus sacerdotes,
as pessoas cantam primeiro:

*Dada ma sokun mon "Dada não chore mais
Dada não derrame mais lágrimas de sangue.
As pessoas de Ixelê chegam na estrada
Dê- me um búzio para amarrar na minha cabeça".*

Alusão, sem dúvida, às necessidades de dinheiro de Dada
e à vinda de provisões, esperada de Ixelê.
Xangô põe-se, então, a dançar
em honra de seu irmão mais velho Dada.

*Existe uma dúvida a respeito de Baayani. Alguns acreditam que este é um dos nomes do irmão
mais velho de Xangô, enquanto outros pensam tratar-se de uma das suas irmãs.
Dizem, ainda outros, que se trata de sua mãe, Yamassé.*

XANGÔ

Kawo Kabiyesi le!

Xangô era filho de Oranian, valoroso guerreiro,
cujo corpo era preto à direita e branco à esquerda.

Homem valente à direita,
homem valente à esquerda.
Homem valente em casa,
homem valente na guerra.

Oranian foi o fundador do Reino de Oyó, na terra dos iorubas.

Durante suas guerras, ele passava sempre por Empé,
em território Tapá, também chamado Nupê.

Elempê, o rei do lugar, fez uma aliança com Oranian
e deu-lhe, também, sua filha em casamento.

Desta união nasceu este filho vigoroso e forte, chamado Xangô.

Durante sua infância em Tapá, Xangô só pensava em encrenca.

Encolerizava-se facilmente, era impaciente,
adorava dar ordens e não tolerava reclamação.

Xangô só gostava de brincadeira de guerra e de briga.

Comandando os pivetes da cidade, ele ia roubar os frutos das árvores.

Crescido, seu caráter valente o levou a partir em busca de aventuras gloriosas.

Xangô tinha um *oxé* - machado de duas lâminas;

tinha, também, um saco de couro, pendurado no seu ombro esquerdo.

Nele encontravam-se os elementos do seu poder ou *axé*:

aquilo que ele engolia para cuspir fogo e amedrontar, assim, seus adversários,
e a pedra de raio com as quais ele destruía as casas de seus inimigos.

O primeiro lugar que Xangô visitou chamava-se Kossô.

Aí chegando, a pessoas assustadas disseram:

"Quem é este perigoso personagem?"

"Ele é brutal e petulante demais!"

"Não o queremos entre nós!"

"Ele vai atormentar-nos!"

"Ele vai maltratar-nos!"

"Ele vai espalhar a desordem na cidade!"

"Não o queremos entre nós!"

Mas Xangô os ameaçou com seu *oxé*.

Sua respiração virou fogo

e ele destruiu algumas casas com suas pedras de raio.

Todo mundo de Kossô veio pedir-lhe clemência, gritando:

Kabiyei Sango, Kawo Kabiyei Sango Obá Kossôf
"Vamos todos ver e saudar Xangô, Rei de Kossô!"



01232

Quando Xangô tomou-se rei de Kossô, ele pôs-se à obra.
Contrariamente ao que as pessoas desconfiavam e temiam,
Xangô fazia as coisas com alma e dignidade.
Ele realizava trabalhos úteis à comunidade.
Mas esta vida calma não convinha a Xangô.
Ele adorava as viagens e as aventuras.
Assim, partiu novamente e chegou à cidade de Irê, onde morava Ogum.

Ogum o terrível guerreiro,
Ogum o poderoso ferreiro.
Ogum estava casado com Iansã, senhora dos ventos e das tempestades.
Ela ajudava Ogum em suas atividades.
Toda manhã, Iansã o acompanhava à forja
e o ajudava, carregando suas ferramentas.
Era ela, ainda, que acionava os sopradores para atizar o fogo.
O vento soprava e fazia: *fuku, fuku, fuku*.
E Ogum batia sobre a bigorna: *beng, beng, beng ...*

Xangô gostava de sentar-se ao lado da forja para ver Ogum trabalhar.
Vez por outra, ele olhava para Iansã.
Iansã, também, espiava furtivamente Xangô.

Xangô era vaidoso e cuidava muito da sua aparência,
a ponto de trançar seus cabelos como os de uma mulher.
Ele fizera furos nos lobos de suas orelhas, onde pendurava argolas.
Usava braceletes e colares de contas vermelhas e brancas.
Que elegância!
Muito impressionada pela distinção e pelo brilho de Xangô,
Iansã fugiu com ele e tomou-se sua primeira mulher.

Xangô voltou por pouco tempo a Kossô,
seguindo depois, com seus súditos, para o reino de Oyó,
o reino fundado, antigamente, por seu pai Oranian.
O trono estava ocupado por um meio-irmão de Xangô, mais velho que ele,
chamado Dadá-Ajaká - um rei pacífico, que amava a beleza e a arte.
Xangô instalou-se em Oyó, num novo bairro que chamou de Kossô.
E conservou, assim, seu título de Obá Kossô - "Rei de Kossô".

Xangô guerreava para seu irmão Dadá.
O reino de Oyó expandia-se para os quatro cantos do mundo.
Ele se estendeu para o Norte.
Ele se estendeu para o Sul.
Ele se estendeu para o Leste e
ele se estendeu para o Oeste.
Xangô, então, destronou seu irmão Dadá-Ajaká e fez-se rei em seu lugar.

Kabiyei Sango Alafin Oyó Alayeluwa!

"Viva o Rei Xangô, dono do palácio de Oyó e Senhor do Mundo!"

Xangô construiu um palácio de cem colunas de bronze.
Ele tinha um exército de cem mil cavaleiros.
Vivia entre suas mulheres e seus filhos.
Iansã, sua primeira mulher, era bonita e ciumenta.
Oxum, sua segunda mulher, era coquete e dengosa.
Obá, sua terceira mulher, era robusta e trabalhadora.

Sete anos mais tarde, foi o fim do seu reino:
Xangô, acompanhado de Iansã, subira à colina Igbeti,
cuja vista dominava seu palácio de cem colunas de bronze.
Ele queria experimentar uma nova fórmula que inventara para lançar raios.

Baoummm!!!

A fórmula era tão boa que destruiu todo o seu palácio!
Adeus mulheres, crianças, servos, riquezas, cavalos, bois e carneiros.
Tudo havia desaparecido fulminado, espalhado e reduzido a cinzas.
Xangô, desesperado, seguido apenas de Iansã, voltou para Tapá.
Entretanto, chegando a Kossô, seu coração não suportou tanta tristeza.
Xangô bateu violentamente com os pés no chão e afundou-se terra adentro.
Iansã, solidária, fez o mesmo em Irá.
Oxum e Obá transformaram-se em rios
e todos tornaram-se orixás.

Xangô, orixá do trovão, *Kawo Kabiyei le!*
Iansã, orixá da tempestade, *Êpa Heyi Oiá!*
Oxum, orixá das águas doces, *Orê Yeyê ô!*

OIÁ IANSÃ

Êpa Heyi!

Ogum foi um dia caçar na floresta.
Ele ficou na espreita e viu um búfalo vindo em sua direção.
Ogum avaliou logo a distância que os separava
e preparou-se para matar o animal com a sua espada.
Mas viu o búfalo parar e, de repente,
baixar a cabeça e despir-se de sua pele.
Desta pele saiu uma linda mulher.
Era Iansã, vestida com elegância, coberta de belos panos,
um turbante luxuoso amarrado à cabeça
e ornada de colares e braceletes.
Iansã enrolou sua pele e seus chifres,
fez uma trouxa e escondeu num formigueiro.
Partiu, em seguida, num passo leve, em direção ao mercado da cidade,
sem desconfiar que Ogum tinha visto tudo.

Assim que Iansã partiu, Ogum apoderou-se da trouxa,
foi para casa, guardou-a no celeiro de milho
e seguiu, também, para o mercado.
Lá, ele encontrou a bela mulher e cortejou-a.
Iansã era bela, muito bela, era a mais bela mulher do mundo.
Sua beleza era tal que se um homem a visse, logo a desejaria.
Ogum foi subjugado e pediu-a em casamento.
Iansã apenas sorriu e recusou sem apelo.
Ogum insistiu e disse-lhe que a esperaria.
Ele não duvidava de que ela aceitasse sua proposta.
Iansã voltou à floresta e não encontrou seu chifre nem sua pele.
"Ah! Que contrariedade! Que teria se passado? Que fazer?"
Iansã voltou ao mercado, já vazio, e viu Ogum que a esperava.

Ela perguntou-lhe o que ele havia feito daquilo que ela deixara no formigueiro.
Ogum fingiu inocência e declarou que nada tinha a ver,
nem com o formigueiro nem com o que estava nele.
Iansã não se deixou enganar e disse-lhe:
"Eu sei que você escondeu minha pele e meu chifre.
Eu sei que você se negará a me revelar o esconderijo.
Ogum, vou me casar com você e viver em sua casa.
Mas, existem certas regras de conduta para comigo.
Estas regras devem ser-sespeitadas, também, pelas pessoas da sua casa.
Ninguém poderá me dizer: Você é um animal!
Ninguém poderá utilizar cascas de dendê para fazer fogo.
Ninguém poderá rolar um pilão pelo chão da casa".



Ogum respondeu que havia compreendido e levou Iansã.
Chegando em casa, Ogum reuniu suas outras mulheres e explicou-lhes como deveriam comportar-se.
Ficara claro para todos que ninguém deveria discutir com Iansã, nem insultá-la.

A vida organizou-se.
Ogum saía para caçar ou cultivar o campo.
Iansã, em vão, procurava sua pele e seus chifres.
Ela deu à luz uma criança, depois uma segunda e uma terceira ...
Ela deu à luz nove crianças.
Mas as mulheres viviam enciumadas da beleza de Iansã.

Cada vez mais enciumadas e hostis,
elas decidiram desvendar o mistério da origem de Iansã.
Uma delas conseguiu embriagar Ogum com vinho de palma.
Ogum não pôde mais controlar suas palavras e revelou o segredo.
Contou que Iansã era, na realidade, um animal;
que sua pele e seus chifres estavam escondidos no celeiro de milho.
Ogum recomendou-lhes ainda:
"Sobretudo não procurem vê-los, pois isto a amedrontará.
Não lhes digam jamais que é um animal!"
Depois disso, logo que Ogum saía para o campo,
as mulheres insultavam Iansã:
"Você é um animal! Você é um animal!!!"

Elas cantavam enquanto faziam os trabalhos da casa:
"Coma e beba, pode exhibir-se, mas sua pele está no celeiro de milho!"
Um dia, todas as mulheres saíram para o mercado.
Iansã aproveitou-se e correu para o celeiro.
Abriu a porta e, bem no fundo, sob grandes espigas de milho,
encontrou sua pele e seus chifres.
Ela os vestiu novamente e se sacudiu com energia.
Cada parte do seu corpo retomou exatamente seu lugar dentro da pele.

Logo que as mulheres chegaram do mercado, ela saiu bufando.
Foi um tremendo massacre, pelo qual passaram todas.
Com grandes chifradas Iansã rasgou-lhes a barriga,
pisou sobre os corpos e redou-os no ar.
Iansã poupou seus filhos que a seguiam chorando e dizendo:
"Nossa mãe, nossa mãe! É você mesma?
Nossa mãe, nossa mãe!! Que você vai fazer?
Nossa mãe, nossa mãe! !! Que será de nós?"
O búfalo os consolou, roçando seu corpo carinhosamente no deles e dizendo-lhes:
"Eu vou voltar para a floresta; lá não é um bom lugar para vocês.
Mas, vou lhes deixar uma lembrança."
Retirou seus chifres, entregou-lhes e continuou:
"Quando qualquer perigo lhes ameaçar,
quando vocês precisarem dos meus conselhos,
esfreguem estes chifres um no outro.
Em qualquer lugar que vocês estiverem,
em qualquer lugar que eu estiver,
escutarei suas queixas e virei socorrê-los."

Eis porque dois chifres de búfalo estão sempre no altar de Iansã.

OXUM

Orê Yeyê ô!

Oxum era muito bonita, dengosa e vaidosa. Como o são, geralmente, as belas mulheres.

Ela gostava de panos vistosos, marrafas de tartaruga e tinha, sobretudo, uma grande paixão pelas jóias de cobre. Antigamente, este metal era muito precioso na terra dos iorubas. Só uma mulher elegante possuía jóias de cobre pesadas. Oxum era cliente dos comerciantes de cobre.

Omiro wanran wanran wanran omi ro!

"A água corre fazendo o ruído dos braceletes de Oxum!"

Oxum lavava suas jóias antes mesmo de lavar suas crianças.

Mas tem, entretanto, a reputação de ser uma boa mãe e atende as súplicas das mulheres que desejam ter filhos.

Oxum foi a segunda mulher de Xangô.

A primeira chamava-se Oiá-Iansã e a terceira Obá.

Oxum tem o humor caprichoso e mutável.

Alguns dias, suas águas correm aprazíveis e calmas, elas deslizam com graça, frescas e límpidas, entre margens cobertas de brilhante vegetação.

Numerosos vãos permitem atravessar de um lado a outro.



Outras vezes, suas águas tumultuadas passam estrondando,
cheias de correntezas e torvelinhos,
transbordando e inundando campos e florestas.
Ninguém pode atravessar de uma margem para a outra, pois
nenhuma ponte faz a ligação.
Oxum não toleraria uma tal ousadia!
Quando ela está em fúria, ela leva para longe
e destrói as canoas que tentam atravessar o rio.
Olowu, o rei de Owu, ia para a guerra seguido de seu exército. Por
infelicidade, tinha que atravessar o rio
num dia em que este estava enfurecido.
Olowu fez a Oxum uma promessa solene, entretanto, mal formulada. Ele
declarou:
"Se você baixar o nível de suas águas,
para que eu possa atravessar e seguir para a guerra, e se
eu voltar vencedor,
prometo a você *nkan rere*", isto é, boas coisas.
Oxum compreendeu que ele falava de sua mulher, Nkan, filha do rei de Ibadan. Ela
baixou o nível das águas e Olowu continuou sua expedição.
Quando ele voltou, algum tempo depois,

vitorioso e com um espólio considerável,
novamente encontrou Oxum com o humor perturbado.
O rio estava turbulento e com suas águas agitadas.
Olowu mandou jogar sobre as vagas toda sorte de boas coisas, as *nkan rere* prometidas:
tecidos, búzios, bois, galinhas e escravos;
mel de abelhas e pratos de *mulukun*, iguaria onde misturam-se suavemente
cebola, feijão fradinho, sal e camarões.
Mas Oxum devolveu todas estas coisas boas sobre as margens.
Era Nkan, a mulher de Olowu, que ela exigia.
Olowu foi obrigado a submeter-se e jogar a sua mulher nas águas.
Nkan estava grávida e a criança nasceu no fundo do rio.
Oxum, escrupulosamente, devolveu o recém-nascido dizendo:
"É Nkan que me foi solenemente prometida e não a criança. Tome-a!"
As águas baixaram e Olowu voltou tristemente para sua terra.
O rei de Ibadan, sabendo do fim trágico de sua filha, declarou indignado:
"Não foi para que ela servisse de oferenda a um rio
que eu a dei em casamento a Olowu!"
Ele guerreou com o genro e o expulsou do país.

O rio Oxum passa em um lugar onde suas águas são sempre abundantes.
Por esta razão é que Larô, o primeiro rei deste lugar,
aí instalou-se e fez um pacto de aliança com Oxum.
Na época em que chegou, uma das suas filhas fora banhar-se.
O rio a engoliu sob as águas.
Ela só saiu no dia seguinte, soberbamente vestida,
e declarou que Oxum a havia bem acolhido no fundo do rio.
Larô, para mostrar sua gratidão, veio trazer-lhe oferendas.

Numerosos peixes, mensageiros da divindade, vieram comer,
em sinal de aceitação, os alimentos jogados nas águas.
Um grande peixe chegou nadando nas proximidades do lugar onde estava Larô.
O peixe cuspiu água, que Larô recolheu numa cabaça e bebeu,
fazendo, assim, um pacto com o rio.
Em seguida, ele estendeu suas mãos sobre a água
e o grande peixe saltou sobre ela.
Isto é dito em ioruba: *Atewo gba ejá*.
O que deu origem a *Ataojá*, título dos reis do lugar.
Ataojá declarou, então:
Oxum bgô!
"Oxum está em estado de maturidade, suas águas são abundantes."
Dando origem ao nome da cidade de Oxogbô.
Todos os anos faz-se, aí, grandes festas
em comemoração a todos estes acontecimentos.

OBÁ, a terceira mulher de Xangô

Obá era uma mulher cheia de vigor e coragem.
Faltava-lhe, talvez, um pouco de charme e refinamento.
Mas ela não temia ninguém no mundo.
Seu maior prazer era lutar.
Seu vigor era tal que ela escolheu a luta e o pugilato como profissão.
Obá venceu todas as disputas que foram organizadas entre ela e diversos orixás.
Ela derrubou Obatalá, tirou Oxóssi de combate
e deixou no chão Orunmilá.
Oxumaré não resistiu à sua força.
Ela desafiou Obaluaê e botou Exu pra correr.
Chegou a vez de Ogum!

Ogum teve o cuidado de consultar Ifá, antes da luta.
Os adivinhos lhe disseram para fazer oferendas,
compostas de duzentas espigas de milho e muitos quiabos.
Tudo pisado num pilão para se obter uma massa viscosa e escorregadia.
Esta substância deveria ser depositada num canto do terreno onde eles lutariam.
Ogum seguiu fielmente estas instruções.

Na hora da luta, Obá chegou dizendo:
"O dia do encontro é chegado." Ogum confirmou:
"Nós lutaremos, então, um contra o outro."

A luta começou.
No início, Obá parecia dominar a situação.
Ogum recuou em direção ao lugar onde ele derramara a oferenda.
Obá pisou na pasta viscosa e escorregou.
Ogum aproveitou para derrubá-la.
Rapidamente, libertou-se do pano que vestia e a possuiu ali mesmo,
tomando-se, desta maneira, seu primeiro marido.

Mais tarde, Obá tomou-se a terceira mulher de Xangô, pois ela era forte e corajosa.
A primeira mulher de Xangô foi Oiá-Iansã, que era bela e fascinante.
A segunda foi Oxum, que era coquete e vaidosa.



CZ3

Uma rivalidade logo se estabeleceu entre Obá e Oxum.
Ambas disputavam a preferência do amor de Xangô.
Obá sempre procurava surpreender o segredo das receitas utilizadas por Oxum quando esta preparava as refeições de Xangô.
Oxum irritada, decidiu preparar-lhe uma armadilha.
Convidou Obá a vir, um dia de manhã, assistir à preparação de um prato que, segundo ela, agradava infinitamente a Xangô.
Obá chegou na hora combinada e encontrou Oxum com um lenço amarrado à cabeça, escondendo as orelhas.
Ela preparava uma sopa para Xangô onde dois cogumelos flutuavam na superfície do caldo.
Oxum convenceu Obá que se tratava de suas orelhas, que ela cozinhava, desta forma, para preparar o prato favorito de Xangô.
Este logo chegou, vaidoso e altivo.
Engoliu, ruidosamente e com deleite, a sopa de cogumelos e galante e apressado, retirou-se com Oxum para o quarto.

Na semana seguinte, foi a vez de Obá cuidar de Xangô.
Ela decidiu pôr em prática a receita maravilhosa.
Xangô não sentiu nenhum prazer ao ver que Obá se cortara uma das orelhas.
Ele achou repugnante o prato que ela lhe preparara.
Neste momento, Oxum chegou e retirou o lenço, mostrando à sua rival que suas orelhas não haviam sido cortadas, nem comidas. Furiosa, Obá precipitou-se sobre Oxum com impetuosidade.
Uma verdadeira luta se seguiu.
Enraivecida, Xangô trovejou sua fúria.
Oxum e Obá, apavoradas, fugiram e transformaram-se em rios.

Até hoje, as águas destes rios são tumultuadas e agitadas no lugar de sua confluência, em lembrança da briga que opôs Oxum e Obá pelo amor de Xangô.

IEMANJÁ

***Odô Iyâ Yemanjá Ataramagbá,
ajejê lodô, ajejê nilê!***

Iemanjá era a filha de Olokum, a deusa do mar.
Em Ifé, ela tornou-se a esposa de Olofin-Odudua, com o qual teve dez filhos.
Estas crianças receberam nomes simbólicos e todos tomaram-se orixás.
Um deles foi chamado Oxumaré, o Arco-Íris,
"aquele-que-se-desloca-com-a-chuva-e-revela-seus-segredos".
De tanto amamentar seus filhos, os seios de Iemanjá tornaram-se imensos.

Cansada da sua estadia em Ifé,
Iemanjá fugiu na direção do "entardecer-da-terra",
como os iorubas designam o Oeste, chegando a Abeokutá.
Ao norte de Abeokutá, vivia Okere, rei de Xaki.
Iemanjá continuava muito bonita.
Okere desejou-a e propôs-lhe casamento.
Iemanjá aceitou mas, impondo uma condição, disse-lhe:
"Jamais você ridicularizará da imensidão dos meu seios."
Okere, gentil e polido, tratava Iemanjá com consideração e respeito.

Mas, um dia, ele bebeu vinho de palma em excesso.
Voltou para casa bêbado e titubeante.
Ele não sabia mais o que fazia.
Ele não sabia mais o que dizia.
Tropeçando em Iemanjá, esta chamou-o de bêbado e imprestável.
Okere, vexado, gritou:
"Você, com seus seios compridos e balançantes!
Você, com seus seios grandes e trêmulos!"
Iemanjá, ofendida, fugiu em disparada.

Certa vez, antes do seu primeiro casamento,
Iemanjá recebera de sua mãe, Olokum,
uma garrafa contendo uma poção mágica pois, dissera-lhe esta:
"Nunca se sabe o que pode acontecer amanhã.
Em caso de necessidade, quebre a garrafa, jogando-a no chão."
Em sua fuga, Iemanjá tropeçou e caiu.
A garrafa quebrou-se e dela nasceu um rio.



As águas tumultuadas deste rio levaram Iemanjá em direção ao oceano, residência de sua mãe Olokum.

Okere, contrariado, queria impedir a fuga de sua mulher.

Querendo barrar-lhe o caminho, ele transformou-se numa colina, chamada, ainda hoje, Okere, e colocou-se no seu caminho.

Iemanjá quis passar pela direita, Okere deslocou-se para a direita.

Iemanjá quis passar pela esquerda, Okere deslocou-se para a esquerda.

Iemanjá, vendo assim bloqueado seu caminho para a casa materna, chamou Xangô, o mais poderoso dos seus filhos.

Kawo Kabiyesi Sango, Kawo Kabiyesi Obá Kossôl "

Saudemos o Rei Xangô, saudemos o Rei de Kossô!"

Xangô veio com dignidade e seguro do seu poder.

ele pediu uma oferenda de um carneiro e quatro galos, um prato de "amalá", preparado com farinha de inhame, e um prato de "gbeguri", feito com feijão e cebola.

E declarou que, no dia seguinte, Iemanjá encontraria por onde passar.

Nesse dia, Xangô desfez todos os nós que prendiam as amarras da chuva.

Começaram a aparecer nuvens dos lados da manhã e da tarde do dia.

Começaram a aparecer nuvens da direita e da esquerda do dia.

Quando todas elas estavam reunidas, chegou Xangô com seu raio.

Ouviu-se então: *Kakara rá rá rá ...*

Ele havia lançado seu raio sobre a colina Okere.

Ela abriu-se em duas e, *suichchchch ...*

Iemanjá foi-se para o mar de sua mãe Olokum.

Aí ficou e recusa-se, desde então, a voltar em terra.

Seus filhos chamam-na e saúdam-na:

"Odo Iyá, a Mãe do rio, ela não volta mais.

Iemanjá, a rainha das águas, que usa roupas cobertas de pérolas."

Ela tem filhos no mundo inteiro.

Iemanjá está em todo lugar onde o mar vem bater-se com suas ondas espumantes.

Seus filhos fazem oferendas para acalmá-la e agradá-la.

Odô Iyá, Yemanjá, Ataramagbá

Ajejê lodôl Ajejê nilêl

"Mãe das águas, Iemanjá, que estendeu-se ao longe na amplidão.

Paz nas águas! Paz na casa!"

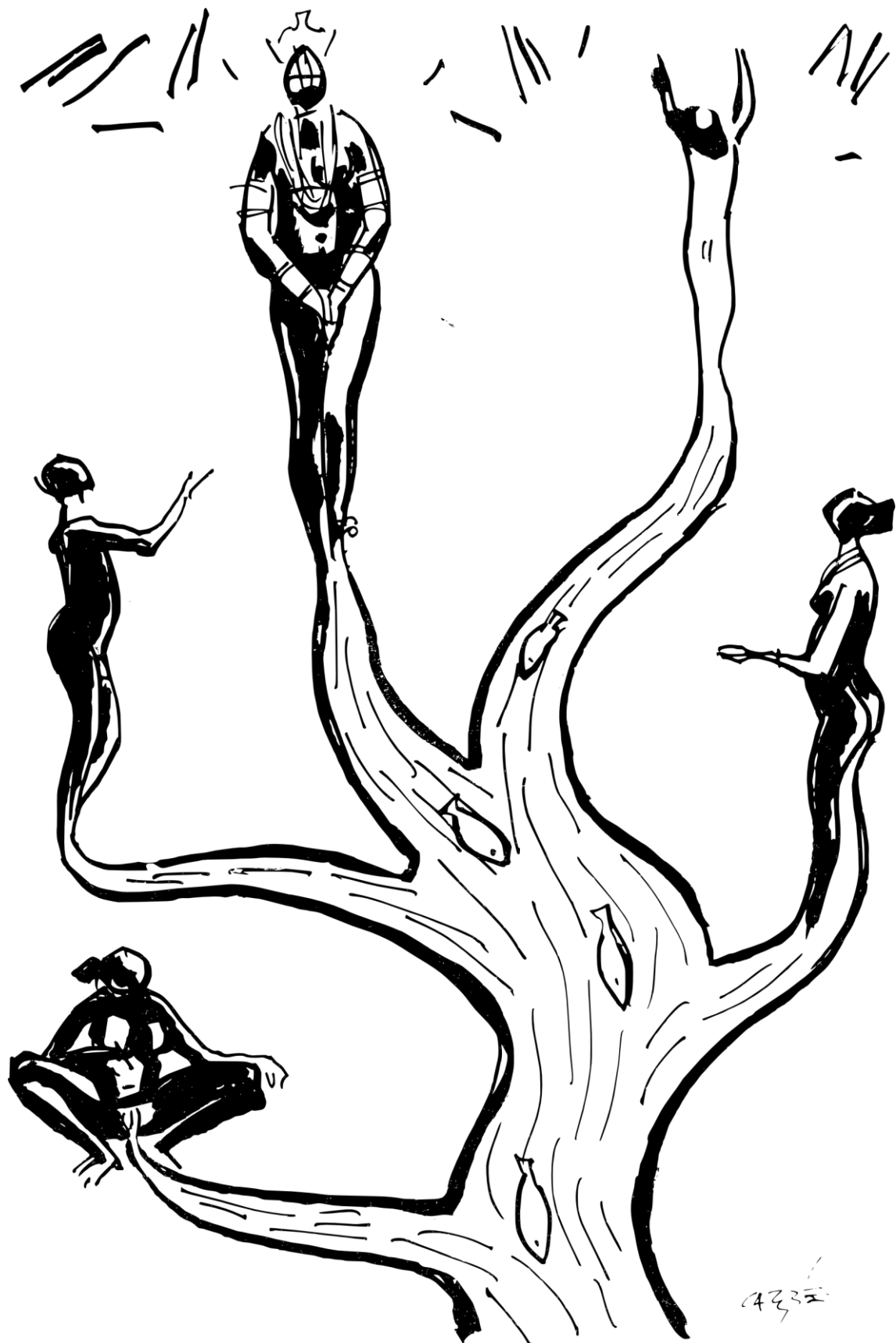
Como OLOKUM tornou-se a rainha das águas

Olokum, senhora das águas, consulta Ifá,
numa época em que suas águas não eram bastantes para que alguém
nelas se lavasse o rosto.
Se alguém recolhesse água em eu leite, recolheria, também, areia.
Porque ela estava pobre de água.

Olossá, senhora da lagoa, consulta Ifá,
numa época em que suas águas não eram bastantes
para que alguém nelas se lavasse os pés.
Se alguém quisesse, com elas, lavar os pés,
sujar-se-ia de lama e areia.
Pois havia na lagoa muito pouca água.
Olokum e Olossá foram, ambas, aos pés de Orunmilá
rogar-lhe examinar o seu caso.
Poderiam elas tornar-se as maiores do mundo?
Orunmilá respondeu que se elas pudessem
fazer as oferendas que ele escolhera para elas,
suas vidas seriam um sucesso.
Ele disse que Olokum deveria oferecer
duzentas cobertas pretas,
duzentas cobertas brancas,
um carneiro e vinte e seis mil búzios da costa.
Depois, ele recomendou à Olossá fazer o mesmo.

Olokum fez as oferendas.
Ela empregou tudo o que possuía.
Ela chegou a empregar-se como serva, para completar as oferendas.
Olossá fez também as oferendas
com tudo o que possuía.
Mas suas oferendas não foram completas,
porque ela não encontrou onde se empregar.

Oxum, o rio, elegante senhora do pente de coral,
consultou Ifá no dia em que ia conduzir todos os rios.
Os rios não sabiam em que direção seguir.
Eles correriam para frente ou para trás?
E haviam pedido conselho a Oxum



Ifá respondeu:

"Tu, Oxum, vais a um certo lugar e,
neste lugar, serás muito bem recebida.
Os outros rios te seguirão.
Nenhum outro poderá te preceder
em qualquer lugar onde estejas presente."

Oxum reuniu todos os rios.
E os rios seguiram todos juntos.
Quando chegaram à beira da lagoa (*osa*),
eles a cobriram completamente.
Quando deixaram a lagoa,
eles cobriram completamente o mar (*okun*).
Colocou-se, então, a questão de saber quem seria a rainha das águas.
Olokum declarou:
"O território onde vocês se encontram é meu".
Eles discutiam aqui e ali.
Olodumaré manifestou-se a respeito:
"A que possui o território é a rainha".
Olokum foi, por direito, a rainha.

Olossá ordenou aos rios que se retirassem das suas terras.
Mas, os rios não encontraram saída por onde passar.
Assim, Olossá foi eleita segunda pessoa de Olokum.
A cada ano, todos os rios vêm adorá-la.

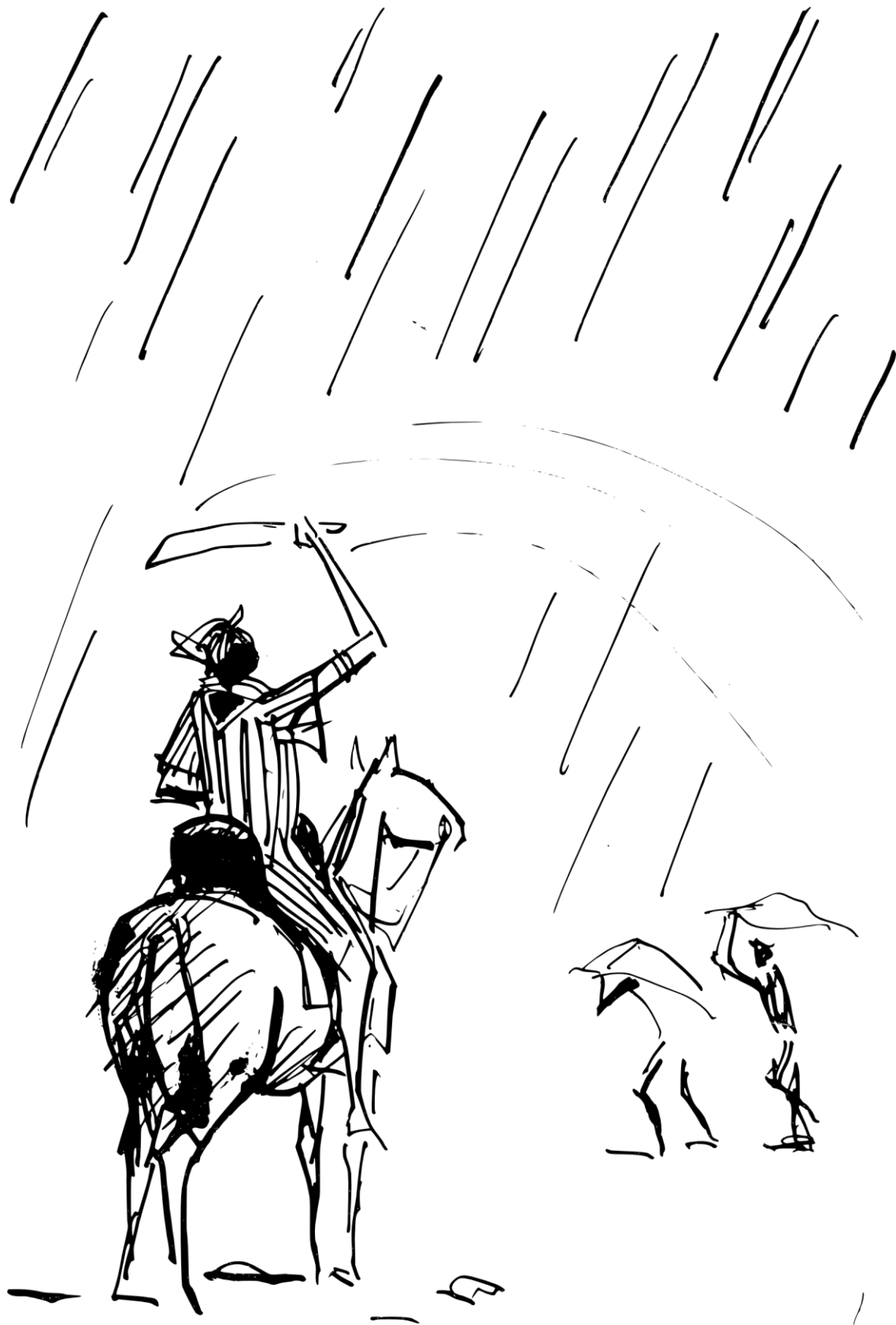
Foi assim que Olokum e Olossá tomaram-se
populares na Terra
e famosas no mundo dos deuses.

OXUMARÉ

Oxumaré era, antigamente, um adivinho (babalaô).
O adivinho do rei Oni.
Sua única ocupação era ir ao palácio real no "dia do segredo";
dia que dá início à semana de quatro dias dos iorubas.
O rei Oni não era um rei generoso.
Ele dava apenas, a cada semana, uma quantia irrisória a
Oxumaré que,
por esta razão, vivia na miséria com a sua família.
O pai de Oxumaré tinha um belo apelido.
Chamavam-no "o proprietário do xale de cores brilhantes".
Mas, tal como seu filho, ele não tinha poder.
As pessoas da cidade não o respeitavam.
Oxumaré, magoado com esta triste situação, consultou Ifá.
"Como tomar-se rico, respeitado,
conhecido e admirado por todos?"
Ifá o aconselhou a fazer oferendas.
Disse-lhe que oferecesse
uma faca de bronze, quatro pombos e
quatro sacos de búzios da costa.

No momento que Oxumaré fazia estas oferendas,
o rei mandou chamá-lo.
Oxumaré respondeu:
"Pois não, chegarei tão logo tenha terminado a cerimônia".
O rei, irritado pela espera, humilhou Oxumaré,
recriminou-o e negligenciou, até,
a remessa de seus pagamentos habituais.

Entretanto, voltando à sua casa,
Oxumaré recebeu um recado:
Olokum, a rainha de um país vizinho, desejava consultá-lo
a respeito de seu filho, que estava doente.
Ele não podia manter-se de pé, caía,
rolava no chão e queimava-se nas cinzas do
fogareiro



CAZ33

Oxumaré dirigiu-se à corte da rainha Olokum
e consultou Ifá para ela.

Todas as doenças da criança foram curadas.
Olokum, encantada com este resultado,
recompensou Oxumaré.
Ela ofereceu-lhe uma roupa azul, feita de um rico tecido.
Ela deu-lhe muitas riquezas, servidores e um cavalo,
com o qual Oxumaré retomou à sua casa, em grande estilo.
Um escravo fazia rodopiar um guarda-sol sobre a sua cabeça
e músicos cantavam seus louvores.

Oxumaré foi saudar o rei.
O rei Oni ficou surpreso e disse-lhe:
"Oh! De onde vieste?
De onde saíram todas estas riquezas?"
Oxumaré respondeu-lhe que a rainha Olokum o havia consultado.
"Ah! Foi então Olokum que fez tudo isto por você!"
Estimulado pela rivalidade,
o rei Oni ofereceu a Oxumaré uma roupa do mais belo vermelho, acompanhada de
muitos outros presentes.
Assim, Oxumaré tomou-se rico e respeitado.

Entretanto, Oxumaré não era amigo de Chuva.
Quando Chuva reunia a nuvens,
Oxumaré agitava sua faca de bronze
e a apontava em direção ao céu,
como se riscasse de um lado a outro.
O arco-íris aparecia e Chuva fugia.
todos gritavam: "Oxumaré apareceu!"
Oxumaré tomou-se muito célebre.

Nesta época, Olodumaré, o deus supremo,
aquele que estende a esteira real em casa
e caminha na chuva,
começou a sofrer da vista e nada mais enxergava. Ele
mandou chamar Oxumaré
e o mal dos seus olhos foram curados.
Depois disto, Olodumaré não deixou mais que Oxumaré retomasse à Terra.

Desde este dia, é no céu que ele mora
e só tem permissão de visitar a Terra a cada três anos.
É durante estes anos que as pessoas tomam-se ricas e prósperas.

OBALUAÊ

Atotô!

Xapanã nasceu em Empê, no território Tapá, também chamado Nupê.
Era um guerreiro terrível que, seguido de suas tropas,
percorria o céu e os quatro cantos do mundo.
Ele massacrava sem piedade aqueles que se opunham à sua passagem.
Seus inimigos saíam dos combates mutilados ou morriam de peste.
Assim, chegou Xapanã em território Mahi, no Daomé.
A terra dos mahis abrangia as cidades de Savalú e Dassa Zumê.

Quando souberam da chegada iminente de Xapanã,
os habitantes desta região, apavorados, consultaram um adivinho.
E assim ele falou:

"Ah! O grande Guerreiro chegou de Empê!
Aquele que se tomará o senhor do país!
Aquele que tomará esta terra rica e próspera, chegou!
Se o povo não aceitá-lo, ele o destruirá!
É necessário que supliquem a Xapanã que vos poupe.
Façam-lhe muitas oferendas; todas as que ele goste:
inhame pilado, feijão, farinha de milho,
azeite de dendê, picadinho de carne de bode
e muita, muita pipoca!
Será necessário, também,
que todos se curvem diante dele,
que o respeitem e o sirvam.
Desde que o povo o reconheça como pai,
Xapanã não o combaterá, mas protegerá a todos!"

Quando Xapanã chegou, conduzindo seus ferozes guerreiros,
os habitantes de Savalú e Dassa Zumê reverenciaram-no,
encostando suas testas no chão, e saudaram-no:

Totô hum! Totô hum! Atotô! Atotô!
"Respeito e submissão!"



Xapanã aceitou os presentes e as homenagens, dizendo:

"Está bem! Eu os pouparei!

Durante minhas viagens, desde Empê, minha terra natal,
sempre encontrei desconfiança e hostilidade.

Construam para mim um palácio.

É aqui que viverei a partir de agora!"

Xapanã instalou-se assim entre os mahis.

O país prosperou e enriqueceu, "

e o Grande Guerreiro não voltou mais a Empê,
no território Tapá, também chamado Nupê.

Xapanã é considerado o deus da varíola e das doenças contagiosas.
Ele tem, também, o poder de curar.
As doenças contagiosas são, na realidade,
punições aplicadas àqueles que o ofenderam ou conduziram-se mal.
Seu verdadeiro nome, é perigoso demais pronunciar.
Por prudência, é preferível chamá-lo *Obaluaê*, o "Rei, Senhor da Terra"
ou *Omulú*, o "Filho do Senhor".

Quando Xapanã instalou-se entre o mahis,
recebeu, em uma nova terra, o nome de Sapatá.
Aí, também, era preferível chamá-lo *Ainon*, o "Senhor da Terra",
ou, então, *Jeholú*, o "Senhor das Pérolas".

O fato de ser chamado *Jeholú* e *Ainon*
causou mal-entendidos entre Sapatá e os reis do Daomé,
pois eles também usavam estes títulos.
Enciumados, os *Jeholú* de Abomey expulsaram, várias vezes,
Jeholú Ainon do Daomé e obrigaram-no a voltar,
transitoriamente, à terra dos mahis.
Jeholú Ainon vingou-se:
vários reis daomeanos morreram de varíola!

Atotô!

Disputa entre NANÃ BURUKU e OGUM

Nanã Buruku é uma velhíssima divindade das águas,
vinda de muito longe e há muito tempo.
Ogum é um poderoso chefe guerreiro que anda sempre
à frente dos outros Imalés.

Um dia, eles vão a uma reunião.

É a reunião dos duzentos Imalés da direita e
dos quatrocentos Imalés da esquerda.

Eles discutem sobre os seus poderes.

Eles falam muito sobre Obatalá,
aquele que criou os seres humanos.

Eles falam sobre Orunmilá,
o senhor do destino dos homens.

Eles falam sobre Exu:

"Ah! É um importante mensageiro!"

Eles falam muita coisa a respeito de Ogum.

Ele dizem: "É graças a seus instrumentos que nós podemos viver.

Declaramos que é o mais importante entre nós!"

Nanã Buruku contesta, então:

"Não digam isto.

Que importância tem, então, os trabalhos que ele realiza?"

Os demais orixás respondem:

"É graças a seus instrumentos que trabalhamos pelo nosso alimento.

É graças a seus instrumentos que cultivamos os campos.

São eles que utilizamos para esquartejar os animais".



Nanã conclui que não renderá homenagem a Ogum.

"Por que não haverá um outro lmalé mais importante?"

Ogum diz:

"Ah! Ah! Considerando que todos os outros lmalés me rendem homenagem, me parece justo, Nanã, que você também o faça".

Nanã responde que não reconhece sua superioridade.

Ambos discutem por muito tempo.

Ogum perguntando:

"Você pretende que eu seja dispensável?"

Nanã garantindo que isto ela podia afirmar dez vezes.

Ogum diz então:

"Muito bem!

Você vai saber que sou indispensável para todas as coisas."

Nanã, por sua vez, declara que, a partir daquele dia, ela não utilizará, absolutamente nada, fabricado por Ogum e, ainda assim, poderá tudo realizar.

Ogum questiona:

"Como você o fará?

Você não sabe que sou o proprietário de todos os metais?

Estanho, chumbo, ferro, cobre. Eu os possuo todos."

Os filhos de Nanã eram caçadores.

Para matar um animal,

eles passaram a se servir de um pedaço de pau, afiado em forma de faca, para esquartejá-lo.

Os animais oferecidos a Nanã são mortos e decepados com instrumentos de madeira.

Não se pode utilizar faca de metal para cortar sua carne, por causa da disputa que, desde aquele dia, opôs Ogum a Nanã.

OXAGUIÃ

Exê êêê!

Oxaguiã era o filho de Oxalufã.
Ele nasceu em Ifé, bem antes de seu pai tomar-se o rei de Ifan.
Oxaguiã, valente guerreiro, desejou, por sua vez, conquistar um reino.
Partiu, acompanhado de seu amigo Awoledjê.
Oxaguiã não tinha ainda este nome.
Chegou num lugar chamado Ejigbô e aí tomou-se *Elejigbô* - "Rei de Ejigbô".
Oxaguiã tinha uma grande paixão por inhame pilado,
comida que os iorubas chamam de *iyán*.
Elejigbô comia deste *iyán* a todo momento;
comia de manhã, ao meio-dia e depois da sesta;
comia no jantar e, até mesmo, durante a noite, se sentisse vazio seu estômago!
Ele recusava qualquer outra comida, era sempre *iyán* que devia ser-lhe servido.
Chegou ao ponto de inventar o pilão, para que fosse preparado seu prato predileto!
Impressionados pela sua mania, os outros orixás deram-lhe um apelido:
Oxaguiã, que significa "Orixá-comedor-de-inhame-pilado",
e assim passou a ser chamado.
Awoledjê, seu companheiro, era babalaô,
um grande adivinho, que o aconselhava no que devia ou não fazer.
Certa ocasião, Awoledjê aconselhou Oxaguiã a oferecer:
dois ratos de tamanho médio;
dois peixes, que nadassem majestosamente;
duas galinhas, cujos fígados fosses bem grandes;
duas cabras, cujo leite fosse abundante;
duas cestas de caramujos e muitos panos brancos.
Disse-lhe, ainda, que se ele seguisse seus conselhos,
Ejigbô, que era então um pequeno vilarejo dentro da floresta,
tomar-se-ia, muito em breve, uma cidade grande e poderosa
e povoada de muitos habitantes.
Depois disto, Awoledjê viajou para outros lugares.
Ejigbô tomou-se uma grande cidade, como previra Awoledjê.
Ela era cercada de muralhas com fossos profundos, as portas fortificadas
e guardas armados vigiavam suas entradas e saídas.
Havia um grande mercado, em frente ao palácio, que atraía,
de muito longe, compradores e vendedores de mercadorias e escravos.
Elejigbô vivia com pompa entre suas mulheres e seus servidores.
Músicos cantavam seus louvores.
Quando falava-se dele, não se usava jamais o seu nome,
pois seria falta de respeito.
Era a expressão *Kabiyesi*, isto é, Sua Majestade, que deveria ser empregada.



CAZ3E¹

Ao cabo de alguns anos, Awoledjê voltou.
Ele desconhecia ainda o novo esplendor de seu amigo.
Chegando diante dos guardas, na entrada do palácio,
Awoledjê pediu, com familiaridade, notícias do "Comedor-de-inhame-pilado".
Chocados pela insolência do forasteiro, os guardas gritaram:
"Que ultraje falar desta maneira de Kabiyesi!
Que impertinência! Que falta de respeito!"
E caíram sobre ele dando-lhe pauladas e cruelmente jogaram-no na cadeia.
Awoledjê, mortificado pelos maus tratos, decidiu vingar-se, utilizando sua magia.
Durante sete anos a chuva não caiu sobre Ejigbô,
as mulheres não tiveram mais filhos e os cavalos do rei não tinham pasto.
Elejigbô, desesperado, consultou um babalaô para remediar esta triste situação.
Este respondeu-lhe: "Kabiyesi, toda esta infelicidade é resultado
da injusta prisão de um de meus confrades!
É preciso soltá-lo, Kabiyesi!
É preciso obter o seu perdão!"
Awoledjê foi solto e, cheio de ressentimento,
foi-se esconder no fundo da mata.
Elejigbô, apesar de rei tão importante, precisou ir suplicar-lhe
que esquecesse os maus tratos sofridos e o perdoasse.
"Muito bem! - respondeu-lhe.
Eu permito que a chuva volte a cair, Oxaguiã, mas tem uma condição:
Cada ano, por ocasião da sua festa,
será necessário que você envie muita gente à floresta,
cortar trezentos feixes de varetas.
Os habitantes de Ejigbô, divididos em dois campos,
deverão golpear-se, uns aos outros,
até que estas varetas estejam gastas ou se quebrem".
Desde então, todo os anos, no fim da seca,
os habitantes de dois bairros de Ejigbô,
aqueles de Ixalê Oxolô e aqueles de Okê Mapô,
batem-se todo um dia, em sinal de contrição,
e na esperança de verem, novamente, a chuva cair.
A lembrança deste costume conservou-se através dos tempos
e permanece viva também na Bahia.
Por ocasião das cerimônias em louvor de Oxaguiã.
as pessoas batem-se umas nas outras, com leves golpes de vareta ...
e recebem, em seguida, uma porção de inhame pilado,
enquanto Oxaguiã vem dançar com energia, trazendo uma mão de pilão,
símbolo das preferências gastronômicas do orixá "Comedor-de-inhame-pilado".

Exê ê! Baba Exê ê!

OXALUFÃ

Êpa Baba!

Oxalufã era o rei de *Ilu-ayê*, a terra dos ancestrais, na longínqua África. Ele estava muito velho, curvado pela idade e andava com dificuldade, apoiado num grande cajado, chamado *opaxorô*.

Um dia, Oxalufã decidiu viajar em visita a seu velho amigo Xangô, rei de Oyó. Antes de partir, Oxalufã consultou um babalaô, o adivinho, perguntando-lhe se tudo ia correr bem e se a viagem seria feliz.

O babalaô respondeu-lhe:

"Não faça esta viagem!

Ela será cheia de incidentes desagradáveis e acabará mal."

Mas, Oxalufã tinha um temperamento obstinado, quando fazia um projeto, nunca renunciava.

Disse, então, ao babalaô:

"Decidi fazer esta viagem e eu a farei, aconteça o que acontecer!"

Oxalufã perguntou ainda ao babalaô,

se oferendas e sacrifícios melhorariam as coisas.

Este respondeu-lhe:

"Qualquer que sejam suas oferendas, a viagem será desastrosa."

E fez ainda algumas recomendações:

"Se você não quiser perder a vida durante a viagem, deverá aceitar fazer tudo que lhe pedirem.

Você não deverá queixar-se das tristes consequências que advirão.

Será necessário que você leve três panos brancos.

Será necessário que você leve, também, sabão e limo da costa."

Oxalufã partiu, então, lentamente, apoiado no seu *opaxorô*.

Ao cabo de algum tempo, ele encontra *Exu Elepô*, Exu "dono do azeite de dendê".

Exu estava sentado à beira da estrada, com um grande pote cheio de dendê.

"Ah! Bom dia Oxalufã, como vai a família?"

"Oh! Bom dia Exu Elepô, como vai também a sua?"

"Ah! Oxalufã, ajude-me a colocar este pote no ombro."

"Sim, Exu, sim, sim, com prazer e logo."

Mas, de repente, Exu Elepô virou o pote sobre Oxalufã.

Oxalufã, seguindo os conselhos do babalaô, ficou calmo e nada reclamou.

Foi limpar-se no rio mais próximo.



ca 733

Passou o limo da costa sobre o corpo e vestiu-se com um novo pano;
aquele que usava ficou perto do rio, como oferenda.
Oxalufã retomou a estrada, andando com lentidão, apoiado no seu opaxorô.
Duas vezes mais ele encontrou-se com Exu.
Uma vez, com Exu *Onidú*, Exu "dono do carvão";
Outra vez, com Exu *Aladi*, Exu "dono do óleo do caroço de dendê".
Duas vezes mais, Oxalufã foi vítima das armadilhas de Exu,
ambas semelhantes à primeira.
Duas vezes mais, Oxalufã sujeitou-se às conseqüências.
Exu divertiu-se às custas dele,
sem que, contudo, conseguisse tirar-lhe a calma.
Oxalufã trocou, assim, seus últimos panos,
deixando na margem do rio os que usava, como oferendas.
E continuou corajosamente seu caminho, apoiado em seu opaxorô,
até que passou a fronteira do reino de seu amigo Xangô.

Kawo Kabiyesi, Sango, Alafin Oyó, Alayeluwa!

"Saudemos Xangô, Senhor do Palácio de Oyó, Senhor do Mundo!"

Logo, Oxalufã avistou um cavalo perdido que pertencia a Xangô.
Ele conhecia o animal, pois havia sido ele que, há tempo, lho oferecera.
Oxalufã tentou amansar o cavalo, mostrando-lhe uma espiga de milho,
para amarrá-lo e devolvê-lo a Xangô.
Neste instante, chegaram correndo os empregados do palácio.
Eles estavam perseguindo o animal e gritaram:
"Olhem o ladrão de cavalo!
Miserável, imprestável, amigo do bem alheio!
Como os tempos mudaram; roubar com esta idade!!
Não há mais anciãos respeitáveis! Quem diria? Quem acreditaria?"
Caíram todos sobre Oxalufã, cobrindo-o de pancadas.
Eles o agarraram e arrastaram até a prisão.
Oxalufã, lembrando-se das recomendações do babalaô,
permaneceu quieto e nada disse.
Ele não podia vingar-se.
Usou então dos seus poderes, do fundo da prisão.
Não choveu mais, a colheita estava comprometida, o gado dizimado;
as mulheres estéreis, as pessoas eram vitimadas por doenças terríveis.
Durante sete anos o reino de Xangô foi devastado.
Xangô, por sua vez, consultou um babalaô,
para saber a razão de toda aquela desgraça.
"*Kabiyesi* Xangô, respondeu-lhe o babalaô,
tudo isto é conseqüência de um ato lastimável.
Um velho sofre injustamente, preso há sete anos.
Ele nunca se queixou, mas não pense no entanto ...
Eis a fonte de todas as desgraças!"

Xangô fez vir diante dele o tal ancião.
"Ah! Mas vejam só!"- gritou Xangô.
"É você, Oxalufã! *Êpa Baba! Exê ê!*
Absurdo! É inacreditável, vergonhoso, imperdoável!!!
Ah! Você Oxalufã, na prisão! *Êpa Baba!!*
Não posso acreditar e, ainda por cima, preso por meus próprios empregados!
Hei! Todo vocês!
Meus generais!
Meus cavaleiros, meus eunucos, meus músicos!
Meus mensageiros e chefes de cavalaria!
Meus caçadores!
Minhas mulheres, as yabás!
Hei! Povo de Oyó!
Todos e todas, vesti-vos de branco em respeito ao rei que veste branco!
Todos e todas, guardai o silêncio em sinal de arrependimento!
Todos e todas, vão buscar água no rio!
É preciso lavar Oxalufã!
Êpa Baba! Êpa, Êpa!
É preciso que ele no perdoe a ofensa que lhe foi feita!!"
Este episódio da vida de Oxalufã é comemorado, a cada ano,
em todos os terreiros de candomblé da Bahia, no dia das "Águas de Oxalá"
quando todo mundo veste-se de branco e vai buscar água em silêncio,
para lavar os axés, objetos sagrados de Oxalá.
Também, com a mesma intenção, todos os anos, numa quinta-feira,
uma multidão lava o chão da basílica dedicada ao Senhor do Bonfim que,
para os descendentes de africanos dos outros tempos
e seus descendentes de hoje, é Oxalufã.

Êpa, Êpa Baba!!!

Briga entre OXALÁ e EXU

Oxalá e Exu discutiam sobre quem era o mais antigo deles.
Exu, decididamente, insiste ser o mais velho.
Oxalá, decididamente também, proclama com veemência
que já estava no mundo quando Exu foi criado.
O desentendimento entre eles era tal que foram convidados a lutarem entre si,
diante dos outros Imalés, reunidos numa assembléia.
Ifá foi consultado pelos adversários e foram, ambos, orientados a fazer oferendas.
Oxalá fez as oferendas prescritas.

Exu negligenciou a prescrição.
O dia da luta chegou.
Oxalá apoiado em seu poder,
Exu, contando com a magia mortal e a força dos seus talismãs.
Todo os Imalés estavam reunidos na praça de Ifé.
Oxalá deu uma palmada em Exu e *boom!*
Exu caiu sentado, machucado.
Os Imalés gritaram:
"Êpa!"
Exu sacudiu-se e levantou-se.
Oxalá bateu-lhe na cabeça e ele tomou-se anão.
Os Imalés gritaram juntos:
"Êpa!"
Exu sacudiu-se e recuperou seu tamanho.
Oxalá tomou a cabeça de Exu e sacudiu-a com violência.
A cabeça de Exu tomou-se enorme, maior que o seu corpo.
Os Imalés gritaram juntos:
"Êpa!"



Exu esfregou a cabeça com as mãos
e esta recuperou seu tamanho natural.
Os Imalés disseram:
"Está bem!"
Que Exu mostre agora seu poder sobre Oxalá."
Exu caminhava pra lá e pra cá.
Ele bateu na própria cabeça
e dela extraiu uma pequena cabaça.
Ele abriu-a repentinamente e virou-a na direção de Oxalá.
Uma nuvem de fumaça branca saiu da cabaça e descoloriu Oxalá.
Os Imalés gritaram juntos:
"Êpa!"
Oxalá esfregou-se, tentando readquirir sua antiga cor.
Mas foi em vão.
Ele falou: "Está bem!"
Oxalá desfez o turbante enrolado sobre sua cabeça e,
daí, tirou o seu poder (axé).
Tocou com ele sua boca e chamou Exu.
Exu respondeu com um sim.
Oxalá ordenou-lhe:
"Venha aqui!"
Exu aproximou-se.
Oxalá continuou:
"Traga sua cabacinha".
Exu a entregou nas mãos de Oxalá.
Este a tomou firmemente e a jogou no seu saco.
Os Imalés exclamaram:
"Êpa!"
E disseram:
"Oxalá é, sem dúvida, o senhor do poder (axé).
O senhor da iniciativa e do poder (alabalaxé).
Tu és maior que Exu.
Tu és maior que todos os orixás.
O poder de Oxalá ultrapassa o dos demais.
Exu não tem mais poder a exercer.
Oxalá tomou a cabaça que ele utilizava para o seu poder.
"É esta cabaça que Oxalá utiliza
para transformar os seres humanos em albinos,
fazendo, assim, os brancos, até hoje.

Rivalidade entre ORUNMILÁ e OSSAIN

Orunmilá (*Elerin Ipin*),
o testemunho do destino dos seres humanos,
está precisando de um criado.
Ele vai ao mercado e,
entre os escravos que estão à venda,
ele escolhe Ossain.
Manda-o desmatar o campo para preparar as novas plantações.

Entretanto, para desespero de Orunmilá,
Ossain volta à noite, sem ter cumprido sua ordem.
Orunmilá lhe pergunta por que ele nada fez.
Ossain lhe responde:
"Todas estas plantas, estas folhas e estas ervas têm virtudes.
Elas não podem ser destruídas.
Esta folha, por exemplo, acalma as dores de dentes;
esta outra, protege contra os efeitos de trabalhos maléficos;
esta outra, ainda, cura a febre.
Impossível, em verdade, arrancar plantas tão necessárias à saúde e a felicidade!"

Orunmilá impressionado, decide que Ossain deverá,
a partir de então, permanecer ao seu lado durante as sessões de adivinhação,
para guiá-lo na escolha dos remédios que deverá prescrever a seus consultantes.
Uma surda rivalidade se estabelece, pouco a pouco, entre esses deuses.
Ossain, sofrendo por ser mantido em submissão,
vangloriava-se de ser mais importante que Orunmilá,
pois ele possuía o poder da magia mortal e dos medicamentos que preparava.



Ossain chegou a declarar ao rei Ajalayé
que ele viera ao mundo antes de Orunnilá e,
sendo mais antigo, tinha direito a seu respeito.
O rei Ajalayé envia, então, uma mensagem a Orunnilá.
Ele quer saber, entre ele e Ossain, qual o mais importante dos dois.
Orunnilá responde ser ele mais antigo que Ossain.

O rei decide submetê-los a uma prova.
Ele os convoca, acompanhados de seus primogênitos.
Orunnilá chega com seu filho, chamado Sacrifício.
Ossain apresenta-se com o seu, chamado Remédio.
Os dois serão enterrados durante sete dias.
Aquele que sobreviver à provação e responder primeiro,
com uma voz clara e forte,
ao chamado que será feito, no fim do último dia,
verá seu pai ser declarado vencedor.

Duas covas foram abertas.
Sacrifício e Remédio foram colocados dentro
e as covas foram fechadas.

Orunnilá, voltando para casa, consultou Ifá.
"Meu filho estará ainda vivo, passados os sete dias?"
Ifá aconselhou-o a oferecer muito *ekuru* - um prato saboroso,
bolo de feijão, pimenta, um galo, um bode,
um pombo, um coelho e dezesseis búzios da costa.
Orunnilá preparou a oferenda.
Ela foi colocada em quatro lugares:
na estrada, numa encruzilhada, diante de Exu e no mercado.
Exu exerceu seu poder sobre o coelho sacrificado.
Este ressuscitou e cavou um buraco que foi terminar
na cova de Sacrifício, o filho de Orunnilá.
Assim, o coelho levou alimento para ele.

Remédio, o filho de Ossain, nada tinha para comer.
Mas, ele possuía alguns talismãs que agiam sobre a terra
e permitiram-lhe, assim, encontrar Sacrifício no fundo da sua cova.
Remédio pede-lhe comida.

Sacrifício responde:

"Ah! Como posso eu, filho de Orunmilá,
dar-lhe comida, quando há uma disputa em jogo?
Tu não vês que assim causarás o sucesso de Ossain,
estando vivo para responder ao chamado
que será feito no fim dos sete dias?"

Remédio insiste e promete a Sacrifício
permanecer calado quando for feito o apelo.
Sacrifício, então, dá de comer a Remédio.

E chegou o final da prova.

Os juízes chamam o filho de Ossain:

"Remédio! Reméééedio! Remééééedio!

Eles chamam em vão. Remédio não responde.

"Bem! Remédio está morto" - concluem eles.

Chamam, depois, o filho de Orunmilá:

"Sacrifício !"

Imediatamente, escutam um forte sim.

Sacrifício está são e salvo!

Remédio sai, em seguida, igualmente vivo.

Ossain pergunta ao filho a razão do seu silêncio,
quando foi chamado o seu nome.

Remédio narra o pacto feito com Sacrifício.

Comida contra silêncio!

Este pacto tomou-se provérbio:

"Sacrifício não deixa Remédio falar".

Significando que sacrifício é mais eficaz que Remédio.

Razão pela qual, Orunmilá tem uma posição mais elevada que Ossain.

ORUNMILÁ, rei do terceiro mundo

Ifá é consultado por *Obá Jegijegim*, o "rei comedor de varetas de pau".

Ifá é consultado por *Obá Jomijomi*, o "rei bebedor de água".

Ifá é consultado por *Obá Jeunjeun*, o "rei comedor de alimentos".

Obá Jegijegi é o nome de Ogum.

Quando Olodumaré criou os seres humanos, escolheu

Ogum para reinar sobre eles,

para conduzi-los ao mundo e cuidar deles.

Oferendas foram pedidas a Ogum, antes da sua partida.

Ogum não fez as oferendas.

Quando chegou ao mundo,

Ogum cortou varetas tenras de madeira

pra que os homens comessem.

Eles morreram todo e voltaram a Olodumaré.

"Não é fácil viver sobre a Terra!"

Obá Jomijomi é o nome de Orixá^(*)

Oodumaré voltou a chamar os seres humanos

e escolheu Orixá para suceder Ogum.

Oferendas foram pedidas a Orixá, antes de sua partida.

Orixá recusou-se a fazer as oferendas.

Quando chegou na Terra,

ele ofereceu água de beber ao seres humanos.

Eles beberam, mas morreram todos.

Obá Jeunjeun é o nome de Orunmilá.

Antes mesmo que Olodumaré falasse,

Orunmilá declarou que ele seria o enviado para substituir Orixá.

Olodumaré concordou:

"Muito bem, eu te escolho".

Orunmilá chamou os adivinhos

para que eles lhe indicassem as oferenda que deveria fazer.

Eles disseram-lhe para preparar muitas sementes.

Sementes de legumes *tètè*, *ekuya*, milho,

feijão, inhame, fava.

Do além, ele espalhou estas sementes sobre a Terra.

Elas cresceram ali onde caíram.

Havia muitos legumes *tètè* e *ekuya*.

Foram os *ekuya* que os homens comeram de início.

Foi, depois, a vez dos *tètè*.

Esta foi a alimentação deles, durante muito tempo.



4332

O milho amadureceu em seguida e o feijão cresceu;
o inhame produziu seus tubérculos.
A Terra tornou-se confortável.
Ninguém morreu mais.
Os seres humanos se reproduziram e tornaram-se numerosos.
Ogum e Orixá ficaram enciumados.
O reino deles não tivera sucesso,
enquanto o de Orunmilá era uma vitória.
Eles decidiram arruinar a Terra.
Orunmilá foi consultar Ifá:
"Como proteger a Terra desta criaturas más?"
Orunmilá recebeu as seguintes instruções:
Ele deveria procurar dois cães, matá-los e cozinhá-los.
Preparar inhame e massa de milho,
muito vinho de dendê.
Matar duas cabras e cozinhá-las, quebrar muitos caramujos e cozinhá-los,
levar tudo na encruzilhada Aro,
onde todos os Imalés costumam parar,
quando vêm a Ifé.
Quando dos dois chegaram a Aro,
Orunmilá, vestido de branco, foi encontrá-los,
Eles comeram, ficaram satisfeito e disseram:
"Foste tu, Orunmilá, que nos preparaste toda esta comida?"
Orunmilá respondeu:
"Sim".
Disseram-lhe, então:
"Apenas tu possuis este mundo!"
Orunmilá respondeu:
"Eu Orunmilá, não possuo o mundo.
São você dois que o possuem".
E ele explica a significação desta história:
"Os seres humanos devem, logo ao raiar do dia,
mastigar varetas de madeira, para limpar os dentes.
Após, devem beber água para enxaguar a boca e,
apenas em seguida, comer a colheita de Orunmilá".
A Terra tornou-se confortável.
Nós estamos, agora, no reino de Orunmilá.

(*) Orixá é uma expressão reservada sempre para designar os orixás funfun (orixás brancos), da família de Oxalá ou Obatalá.

OLOFIN-ODUDUA cria o mundo em lugar de OXALÁ

Olodumaré, o Deus Supremo, residia no além,
No além de um mundo que ainda não existia.
Ele aí vivia arrodado de seiscentos lmalés, as divindades criadas por ele.
Duzentos lmalés permaneciam à sua direita.
Quatrocentos permaneciam à sua esquerda.
Dos primeiros, pouco falaremos.
Eles eram maus, orgulhosos, desleais e mentirosos.
Eles discutiam e lutavam sem parar.
Olodumaré não tinha mais um minuto de descanso.
Num instante de impaciência e de cólera,
ele devolveu ao nada todos os lmalés da direita.
Todos, menos Ogum.

Ogum, o valente guerreiro.
O homem louco dos músculos de aço que,
tendo água em casa, lava-se com angue!

E o colocou como guia dos quatrocentos lmalés da esquerda.
Num dia deste passado longínquo, Olodumaré os convocou e disse:
"Eu vou criar um outro lugar. Um lugar que será para vocês.
Vocês, aí serão numerosos.
Cada um será um chefe e terá um lugar para si.
Cada um terá seu poder e seu trabalho próprios".
Deu a todos o que necessitariam e criou, com perfeição, tudo o que prometera.
Olodumaré reúne, então, num só lugar, os quatrocentos e um lmalés.
Orunmilá *Eleri-Ipin*, o testemunho do destino, mantém-se a seu lado.
Todos os lmalés deverão pedir-lhe a palavra.
Ele mostrará a cada um deles, o caminho a seguir.
O primeiro a responder é Obatalá, o rei do pano branco,
chamado, também, Oxalá, o "Grande Orixá".
Ele é a segunda pessoa de Olodumaré.
É a ele que Olodumaré encarrega de criar o mundo,
e lhe dá os poderes (*abá e axé*) do mundo (é por esta
razão que é saudado com a expressão "Alabalaxé").
Obatalá os examina, coloca um sob o boné
e o outro dentro do seu saco.



O saco da criação que Olodumaré lhe confia.
Antes de partir, ele vai a Orunmilá pedir-lhe a palavra,
o caminho que ele deverá seguir e o que deverá fazer.
Orunmilá lhe diz:
"Olodumaré lhe confiou a criação de um outro lugar.
Faça uma oferenda para ser capaz de realizá-la e
para que a realize com perfeição".

Obatalá, que é muito obstinado, respondeu:
"Oh! Orunmilá!
A missão que tens, nós te demos,
foi por nós decidida, antes que fosses criado!
Olodumaré e eu, Oxalá!
Olodumaré, que é Deus Supremo, me envia em missão.
Eu, sua segunda pessoa.
Tu, Orunmilá, me dizes agora, que devo fazer oferendas
para ser capaz de realizar meu trabalho com sucesso!
Que acontecerá se não faço oferendas?
Oferendas para a missão que vou realizar?
Eu, portador do poder (*abá e axé*), alabalaxé!
Mas, por que? Que necessidade de fazer oferendas?"
Obatalá contradiz Orunmilá.
Ele tapa os ouvidos, recusando-se a escutar,
e não faz as oferendas.

Todo os outros Imalés vão consultar Orunmilá.
Este escolhe para cada um deles
uma oferenda determinada.
Olofin-Odudua é o que mais se evidencia.
É uma espécie de Obatalá.
Mas ele não tem posição nem reputação comparáveis às de Oxalá.
Orunmilá responde:
"Se tu fores capaz de fazer a oferenda que vou te indicar,
este mundo que criarei, ele será teu.
Lá, tu serás o chefe!"
Olofin pergunta qual é a oferenda.
Orunmilá lhe diz que ofereça quatrocentas mil correntes.
Que ofereça uma galinha que tenha cinco garras,
que ofereça um pombo, que ofereça um camaleão,
que ofereça, ainda, quatrocentos mil búzios.
Olofin-Odudua faz a oferenda completa.

Chegou o dia de criar o mundo.
Obatalá chama todos os outros Imalés.
Eles começam a caminhar e se vão.
Já na estrada, eles chegam à fronteira do além.
Exu é o guardião (*onibode*) desta fronteira
e o mensageiro dos outros deuses.
Obatalá recua-se a fazer oferendas neste lugar,
para que a viagem seja feliz.
Exu aponta uma cabacinha mágica na direção de Obatalá.
A sede começa a atormentá-lo.
Ele vê um dendezeiro.
Agita seu cajado de estanho (*opaxorô*)
e se serve dele para perfurar o tronco da palmeira.
O vinho escorre copiosamente.
Oxalá se aproxima e bebe à vontade.
Ele está plenamente satisfeito, mas fica embriagado.
Ele não sabe em que lugar está, nem o que faz.
O sono o invade e ele adormece à beira da estrada.
Dorme profundamente e ronca.
Todos os outros Imalés sentam-se à sua volta.
Respeitosamente, eles não ousam acordá-lo.
Esperam que ele acorde espontaneamente.
De repente, Olofin-Odudua levanta-se e apanha o saco da criação,
caído ao lado de Obatalá.
Ele volta a Olodumaré e diz:
"A pessoa que fizeste nosso chefe,
aquele a quem entregaste o poder de criar,
bebe muito vinho de dendê.
Ele perdeu o saco da criação.
Eu o trouxe de volta!"
Olodumaré responde:
"Ah! Se assim é,
tu que encontre o saco da criação
toma-o, vá criar o mundo!"
Então, Olofin-Odudua volta aos Imalés reunidos.
Toma as quatrocentas mil correntes e,
ainda no além, amarra-as a uma estaca.
Ele desce até a extremidade da última corrente,
de onde vê uma substância estranha, de cor marrom.
É terra!

A galinha de cinco garras voa e vai pousar obre o montículo.
Ela cisca a terra e a espalha sobre a superfície da águas.
A Terra se forma e vai e alargando cada vez mais.
Odudua grita:
"Ilê nfê!"(a terra se expande), que veio a ser o nome da cidade santa de Ilê Ifé.
Olofin-Odudua coloca o camaleão da oferenda sobre a terra.
Ele anda sobre ela com passos cautelosos.
Odudua só ousa descer porque está atado à ponta da corrente.
A terra resiste e ele caminha.
Seu olhar não pode alcançar os limites.
Todo os outros Imalés ainda estão no além.
Odudua os convida a descer sobre a terra.
Apenas alguns deles o seguem;
os demais permanecem sentados à volta de Obatalá adormecido.

Obatalá acorda, enfim.
Ele constata que o saco da criação lhe foi roubado.
"Ah! Quem ousou fazer este furto?"
Os deuses que permaneceram fiéis lhe dizem:
"Foi Odudua que se apoderou do saco da criação".
Ele entende o que ocorreu.
Encolerizado, Obatalá volta a Olodumaré
e queixa-se do roubo do qual foi vítima.
Olodumaré lhe pergunta:
"Que fizeste para adormecer assim?"
As pessoas desta época não mentiam jamais.
Obatalá, responde com sinceridade:
"Eu vi uma palmeira de dendê,
furei o seu tronco com o meu opaxorô.
Deste furo começou a sair água.
Dela eu tomei e adormeci."
"Ah! diz Olodumaré, "não beba mais, nunca mais, desta água.
O que fizeste foi grave!"
Por esta razão, até hoje, o vinho de dendê é proibido a Oxalá
e a seus descendentes.
Olodumaré declarou:
"Não tendo criado a Terra, tu criarás todos os seres vivos:
os homens, os animais, os pássaros e as árvores".
Esta substância forma um montículo na superfície da água.

A galinha de cinco garras voa e vai pousar obre o montículo.
Ela cisca a terra e a espalha sobre a superfície da águas.
A Terra se forma e vai e alargando cada vez mais.
Odudua grita:
"Ilê nfê!"(a terra se expande), que veio a ser o nome da cidade santa de Ilê Ifé.
Olofin-Odudua coloca o camaleão da oferenda sobre a terra.
Ele anda sobre ela com passos cautelosos.
Odudua só ousa descer porque está atado à ponta da corrente.
A terra resiste e ele caminha.
Seu olhar não pode alcançar os limites.
Todo os outros Imalés ainda estão no além.
Odudua os convida a descer sobre a terra.
Apenas alguns deles o seguem;
os demais permanecem sentados à volta de Obatalá adormecido.

Guerra entre OXALÁ e ODUDUA

Odudua havia criado o mundo.
Mas, chegando enfim sobre a Terra,
Oxalá lembrou aos Imlés reunidos
que fora ele o encarregado por Olodumaré de criar o mundo.
Era ele, pois, o seu verdadeiro senhor.
Muitos Imlés acreditaram e submeteram-se a ele.
Os seguidores de Oxalá são aqueles que, até hoje,
esfregam o corpo com giz (*èfun*).
São orixás brancos (*orixás funfun*).
Os seguidores de Odudua são os demais.
Eles são comandados por Ogum e
começaram a combater Oxalá.
Os que apoiavam Oxalá puseram-se,
por sua vez, a combater Odudua.
Oxalá os encorajava dizendo-lhes:
"Sejam combativos!"
Odudua encorajava os seus dizendo-lhes, também:
"Sejam combativos !"
Oxalá não queria submeter-se a Odudua.
Odudua, por sua vez,
afirmava que fora ele o enviado para criar o mundo.
Esta batalha tornou-se uma verdadeira fúria
e não demorou a generalizar-se.
Os conselheiros de Oxalá lhe diziam:
"Procure um meio de liquidar Odudua, pois,
se ele morrer, quem, senão tu, ficará como chefe?
Porque tu não podes morrer."
Odudua, inquieto, foi consultar Orunmilá.
Que deveria fazer para não ser morto?
Pois, os que faziam oferendas para matá-lo eram numerosos.
Orunmilá lhe disse que fizesse oferendas
e que ele lhe prepararia folhas de Ifá com perfeição.
"É verdade que eles têm a intenção de te matar.
Mas, se fizeres as oferendas convenientemente, tu não morrerás!"



Aconselhou-o a oferecer uma vaca sem chifres,
uma cabra, um carneiro, um pombo, um caramujo e
vinte e um sacos de búzios da costa.
Odudua fez as oferendas para não ser morto.
Orunmilá aceitou tudo e preparou para ele
medicamentos protetores com as folhas de Ifá.
Depois, esfregou o corpo de Odudua com estes medicamentos,
pronunciando as palavras encantadas:
"Que este medicamento atue fortemente!
A folha de *Iyéyé* diz que vais viver(yê)!
O respeito vem com as folhas de *Agidimagbayin*!
Deus Supremo feche a porta do além
Nós não vamos morrer!
Ifá deixe que me torne muito velho!
O carneiro branco veio com a cabeça coberta de pêlos brancos.
Que pêlos brancos cresçam em todo o meu corpo!
Cabra! Substitua-me na morte!
Um pombo não abre jamais o caminho para os mortos!
Ifá traga calma à casa!
Pai, dê-me calma na estrada!
Ifá, destrua comigo o complô do malfeitor!"
Odudua não morreu.
Todos aqueles que prometeram a Oxalá matar Odudua,
tentaram tenazmente.
Mas, de um em um ou de dois em dois, todos,
absolutamente todos, morreram.
E Odudua permanecia sempre lá.
Por isto chamaram-no "*Rei Aboba*" (nós retomamos ao mundo e o encontramos
ainda lá)
A guerra entre Odudua e Oxalá durou muito.
Houve um tempo em que Odudua foi abandonado por todos.
Oxalá disse então aos Imalés que queriam ajudá-lo
"todos vós, quereis me ajudar a matar Odudua?"
Os Imalés responderam que o matariam sem perdão,
mas que Odudua tinha muitos talismãs protetores.
Oxalá mostrou-lhes que,
quando Odudua ia tomar seu banho,
retirava todos os talismãs que carregava consigo.
Era imprescindível escolher este momento para atacá-lo.

Os Imlés se prepararam.
Aquele que luta com um sabre,
aquele que luta com um fuzil,
aquele que luta com um arco e flechas,
aquele que tem o poder sobre o fogo.
Do primeiro ao último, todos se prepararam.
Eles esperaram que Odudua fosse tomar seu banho
e se despojasse dos seus talismãs.
Quando Odudua ensaboou a cabeça, Ogum gritou:
"Venham todos! E o momento!"
Eles se levantaram ao mesmo tempo e,
todos, circundaram Odudua.
Odudua, vendo-os chegar, jogou espuma de sabão sobre eles.
"Ah!" Alguns caíram de bruços, sem poder se levantar.
Outros cegaram.
O que recebeu espuma na boca não podia mais abrí-la.
O que recebeu nas pernas ficou aleijado.
Ninguém foi capaz de se aproximar de Odudua.
Tempos depois, Odudua resolveu vingar-se.
Que caminho seguir para eliminar Oxalá?
Ele achou um meio.
Mandou cavar um poço profundo no palácio.
Um dia que todos os Imlés reuniram-se na casa de Oxalá,
Odudua juntou-se a eles e ficou, modestamente, no último lugar.
Fingindo considerar-se inferior a Oxalá, ele declarou:
"Meu pai Oxalá,
agora que a disputa terminou, eu vim visitar-vos.
Eu parei a luta; não estou mais com raiva.
Eu reconheço que sois mais antigo que eu.
Ah! chega de lutas, chega de disputa!
Vós, também, deveis um dia vir à minha casa
para que todos possam ver que a guerra, verdadeiramente, terminou.
" Oxalá disse:
"Nada mal! Eu irei saudar-vos depois de amanhã."
O poço que Odudua mandara cavar estava pronto.
Odudua mandou cobrir este poço com belas esteiras

Oxalá preparou-se e tomou a estrada.
Sua roupa branca arrastava sobre o solo.
Por onde passava, as árvores caíam fora da estrada.
Por onde passava, as colinas tomavam-se planícies.
Por onde passava, os buracos fechavam-se imediatamente.
Oxalá ia em direção ao palácio de Odudua.
Em uma de suas mãos, ele levava sua bengala de estanho (o *opaxorô*).
Os que o acompanhavam gritavam:
"Alayeluwa, senhor do mundo!
Escravos, venham render homenagem!
Oxalá, fundador da cidade de Igbô!
Escravos, venham render homenagem!
Oxalá, senhor do opaxorô!
Escravos, venham render homenagem!"
Oxalá chegou ao palácio de Odudua.
Passou pelo buraco, dissimulado sob as esteiras, sem cair.
O poço, por instantes, fechou-se sob seus pés.
Oxalá dirigiu-se para o lugar onde ficavam dispostas as almofadas.
Sentou-se confortavelmente e convidou Odudua a vir juntar-se a ele.
Como Odudua hesitasse,
Oxalá estendeu-lhe a mão e o atraiu para si.
"Ah!" Odudua caiu na própria armadilha!
Oxalá retomou triunfante para casa.
A guerra se etemizava.
Oxalá e Odudua queriam, ambos,
ser reconhecidos como senhores deste mundo,
para a criação do qual eles haviam contribuído.
Eles estavam decididos a destruí-lo,
se sua ambição fosse frustrada.
Orunmilá estava inquieto com esta interminável guerra.
Ela arriscava destruir o mundo
que Olodumaré o havia encarregado de proteger.
Seu receio tomava-se mais forte ainda,
pois os exércitos de Oxalá e Odudua
preparavam-se para um combate final.
Ambos declaravam que, se vencidos, destruiriam o mundo.
Orunmilá foi ver Oxalá e lhe disse:
"Oh! Obatalá-Oxalá, reflita!
Não foste tu que Olodumaré enviou para criar o mundo
e vigiar aqueles que tu nele criastes?
O mundo é teu!
Odudua me encarregou de dizer-te que ele tem vergonha.

Ele não ousava vir pedir-te de novo.
Ele quer apenas ajudar-te a dirigir o mundo.
Nós todos te rendemos homenagem!
O mundo é teu."
Lisonjeado, Oxalá falou:
"Como? Ele compreendeu finalmente?
A questão está encerrada!"
Orunmilá, então, levantou-se e foi ver Odudua.
Disse-lhe:
"Oxalá me encarregou de dizer-te
que ele não passa de um velho.
Tu, Odudua, possuis o mundo.
Não seria conveniente que um velho suplicasse a um mais novo!
É por isso que, ele mesmo, não pode pedir-te!
Cuidas, pois, deste mundo!"
Odudua declarou:
"Nossa disputa terminou!
O mundo não perecerá mais!"
Assim, Orunmilá acalmou Oxalá e pacificou Odudua!
Eles celebraram a paz, enfim recuperada!
Eles dançaram e dançaram.

Índice

Prefácio 9

Exu 11

Ogum 14

Oxóssi 17

Erinlê 20

Ossain 24

Orixá Okô 26

Oranian 28

Dada-Baayani 30

Xangô 33

Oiá-Iansã 37

Oxum 42

Obá 47

Iemanjá 50

Olokum 53

Oxumaré 56

Obaluaê 59

Disputa entre Nanã Buruku e Ogum 62

Oxaguiã 65

Oxalufã 68

Briga entre Oxalá e Exu 72

Rivalidade entre Orunmilá e Ossain 75

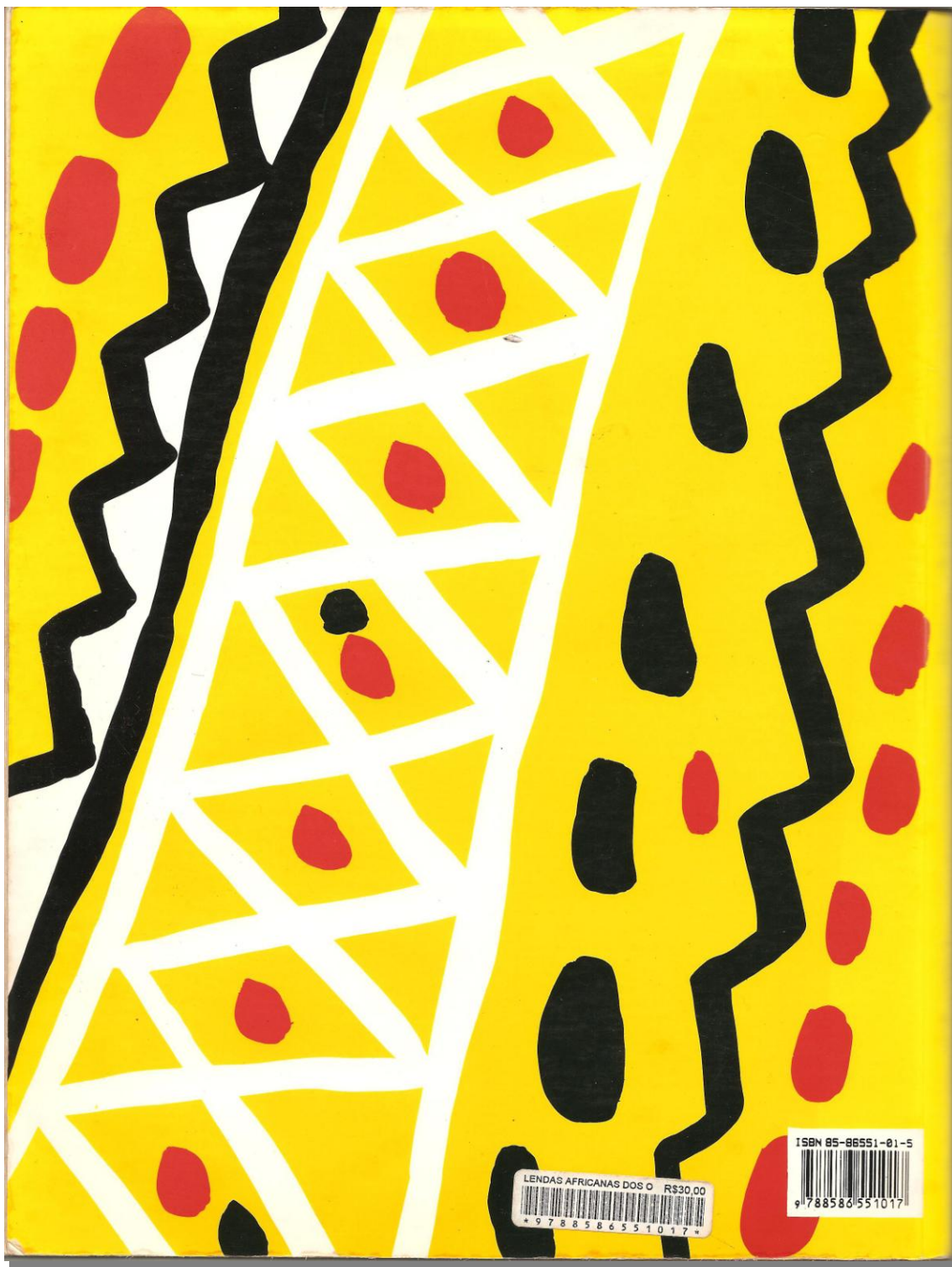
Orunmilá, rei do terceiro mundo 80

Olofin-Odudua cria o mundo no lugar de Oxalá 83

Guerra entre Oxalá e Odudua 88

Esta segunda tiragem da 4ª edição de *Lendas Africanas dos Orixás* foi de 1.500 exemplares, com fotolitos de **Linoart** (ilustrações, 19~5) e **FJPN** (Texto, 1997) e impressão de **Hamburg Gráfica e Editora**.
São Paulo, Abril de 1998

CORRUPIO EDIÇÕES E PROMOÇÕES CULTURAIS LTDA.
Rua Almirante Barroso, 284 - Rio Vermelho - Salvador/Ba.
CEP: 40210-010 - Telefax: (071) 245.1833 Para pedidos em São Paulo, telefax:(011) 280.0301



ISBN 85-86551-01-5



9 788586 551017

LENDAS AFRICANAS DOS O R\$30,00



* 9 788586 551017 *